

4423

012501

"GAIOLA DOURADA"

-Comédia- 4 atos

Tradução de ALBERTO DE QUEIROZ

J. L. F.

GAIOLA DOURADA

"Liberté Provisoite"

Comédia francesa original de Michel Duran

Tradução de ALBERTO DE QUEIROZ

---

---

PERSONAGENS :

|          |   |                            |
|----------|---|----------------------------|
| GERARD   | - | MADELEINE LECOURTOIS       |
| BARNAUD  | - | BENOITE (velha criada)     |
| DUCROUX  | - | JANINE, amiga de Madeleine |
| BAUGARET | - | O Brigadeiro ROULET        |
| HULIN    | - | O Inspetor MOINE           |

---

---

---

A T O P R I M E I R O

No apartamento de Madalena, Seu salão-studio. Mobiliário de bom gosto. Ao fundo uma porta-janela dando para um terraço no último andar de um edifício moderno. Fóra, é noite. São 4 horas da manhã.

-----

Estão no salão-studio tres homens trajando smoking e duas mulheres em traje de noite. Dois homens e uma mulher contam-se histórias. Em um divan um pouco afastado, está Bernaud. Madalena ocupa uma poltrona.

HULIN

E aquela história de Mário que monta em byciclette ?

FAUGARET

Conheço.

HULIN

E a do Arcebispo de Arras?

JANINE

essa é velha

HULIN

E a do correio de Lyon?

FAUGARET

Conta, conta...

HULIN

Pois lá vai. Era um homem respeitável, bom pae de família, empregado exemplar, que passando pela rua Vivienne foi abordado por um peripatetico...

JANINE

viste

FAUGARET

Sabida

HULIN

Vecê a conhece?

FAUGARET

Há muito tempo. Apenas eu a conhecia com outro nome.

HULIN

Talvez não seja a mesma.

JANINE

Não, esta é muito conhecida.

HULIN

É pena, porque é boa e a gente pode fazê-la demorar um tempo infinito. E como hoje há falta de assunto...

(Ele tem um gesto de cabeça na direção de Barnaud) E a do gigot, vocês conhecem ?

FAUGARET

Qual ? Há várias histórias de gigot.

HULIN

Aquela do gigot e do telegrafista

FAUGARET

Ah! É muito conhecida...

BARNAUD, voltando-se para o grupo

Eu também a conheço. Não me lembro mais quem foi o imbecil quem a contou. É uma história perfeitamente idiota.

FAUGARET

Pois eu ache-a irresistível.

BARNAUD

O contrário é que seria para admirar.

HULIN, que quer de qualquer maneira contar uma história

Bem, então vou contar-lhes uma outra

FAUGARET

Não, não. Eu as conheço todas.

HULIN

Então, conte-as. Não há melhor ocasião.

FAUGARET

Eu as conheço, mas não me recordo bem. Só escutando-as é que o resto me vem à memória.

(Ouve-se fora um apito de polícia)  
J A N I N E

Que é isso ?

HULIN

São os agentes

JANINE

Que será ?

FAUGARET

Com certeza um automóvel em excesso de velocidade

(Aumentam os apitos e o som se aproxima)

JANINE, dirigindo-se para o terraço  
Quem sabem se eles não vão passar por aqui? Eu quero ver.

HULIN

É uma distração como outra qualquer. Vamos ver, Faugaret. Eu aproveitarei para contar-te uma história de chauffeur que será muito oportuna.

(Os três foram para o terraço)

MADELEINE, servindo-se de champagne

Vocês estão vendo alguma coisa ?

FAUGARET

Absolutamente nada.

BARNAUD

Deve ser um "chauffeur" perseguido pelos agentes. Não vale a pena a gente se ~~expor~~ expor a um resfriado.

(Ouvem-se tiros de revólver)

JANINE

A coisa está ficando séria.

MADELEINE a Barnaud

Em todo caso eu vou ver.

Madeleine vai para o terraço. Barnaud fica só em cena. Exclamações de fora: "Um taxi que dobra a esquina"... Deve ser o perseguido...  
"Ele vai numa velocidade louca..."

HULIN

Que pena que as árvores da avenida não deixem ver direito.

JANINE

X Um homem saltou do taxi...

MADELEINE

Onde ?

J A N I N E

Lá, junto ao kiosque de jornais

M A D E L E I N E

Não vejo nada.

H U I I N

Ela está sonhando

J A N I N E

Juro que vi um homem... descer do automóvel...

F A U G A R E T

Você vai muito ao cinema, Janine, e por isso complica tudo. (Ouvem-se ruidos de automóveis que passam e apitos que se afastam) Em todo caso ele está aí, está seguro...

J A N I N E

Você acha?

F A U G A R E T

No extremo da rua havia agentes ciclistas que o não deixarão escapar.

J A N I N E

Garanto a vocês que vi um homem saltar...

H U I I N

Qual nada. Se um homem houvesse saltado do automóvel, nós também teríamos visto.

(todos voltam à cena)

B A R N A U D

Que horas são ?

H U I I N

Três e dez

F A U G A R E T

Parece que são horas de irmo-nos embora

M A D E I E I N E

Fiquem ainda um momento. Vamos tomar um pouco de champagne

B A R N A U D

Eu tomaria com um grande prazer um pouco d'água ~~fría~~ fresca

M A D E I E I N E

Eu vou buscar

B A R N A U D

Isso não. A creada já está deitada?

Há muito tempo. À meia noite ela vai deitar-se sem mesmo me prevenir.

(Madeleine vai sair)

HULIN

Não se incomode, Madeleine, eu sei onde é a cozinha (c a i)

BARNAUD

É muito atencioso esse rapaz

MADELEINE

Muito.

BARNAUD

É pena que seja tão idiota.

FAUGARET

Eu, naturalmente, não sou da sua opinião

BARNAUD

que faz ele na vida, afinal ?

JANINE

Ele é rico. Não precisa trabalhar.

BARNAUD

Eu sou dez vezes mais rico do que ele e no entanto trabalho

FAUGARET

E se o impedissem de trabalhar ficaria atrapalhado...

BARNAUD

Confesso...

FAUGARET

É que o senhor é um homem de hábitos enraizados e de pouca imaginação

BARNAUD

Diga logo francamente que me considera um imbecil

FAUGARET

Com efeito. O senhor não é lá muito inteligente...

BARNAUD

Mas, ainda assim, fundei uma fábrica de automóveis, dou trabalho a vinte mil operários e alcancei esta situação com o meu próprio esforço, com a minha vontade.

FAUGARET

O senhor é uma fôrça, o que não é a mesma coisa.

BARNAUD

O pequeno Hulin tem a sorte de ter um pai no meu gênero.

O que não há dúvida é que êle é encantador

B A R N A U D

Basta que eu o considero um idiota para que você lhe encontre uma série infindável de excelentes qualidades.

M A D E L E I N E

Diga antes, Barnaud, que você detesta tudo aquilo que me agrada.

F A U G A R E T

Você gosta de Hulin ?

M A D E L E I N E

Ele me agrada.

B A R N A U D

Faugaret ?

M A D E L E I N E

Que ?!

F A U G A R E T

Lembre-lhe que eu não estou na cozinha. Eu estou aqui.

M A D E L E I N E

Faugaret é um rapaz extremamente inteligente, de quem eu gosto muitíssimo. É um amigo. E além do mais, muito bem educado.

F A U G A R E T

Aguenta firme.

B A R N A U D

Pois quanto a mim, declaro que acho-o extremamente antipático. Seu ar de se divertir a custa de toda gente é irritante, e o seu cinismo revoltante.

F A U G A R E T

Minha cara Madalena, parece-me que será mais conveniente que eu vá até a cozinha ver o que faz Hulin.

B A R N A U D

Eu posso perfeitamente dizer em sua presença o que penso. O Senhor não me embaraça.

F A U G A R E T

Mes eu sou modesto e não gosto de receber êsses elogios à queima roupa. E depois, às tres horas da manhã, fatigado, receio irritar-me. Vamos, Janine; êle assim poderá aproveitar para dizer mal de você. Meu caro Barnaud, tem cinco minutos. Aproveite-os bem, pois dentro dêsse tempo voltaremos.



B A R N A U D

Não precisam voltar.

F A U G A R E T

Mas voltaremos. Nós não estamos em sua casa, pelo menos por enquanto

M A D E L E I N E

Voltem, meus amigos. (Eles saem) Meu caro Barnaud, eu sei que você é de uma franqueza rude, mas tudo tem um limite. Não se esqueça que está em minha casa e que se os meus amigos não lhe agradam, nada lhe impede que se retire.

B A R N A U D

Eu estou decidido a ser o último a sair daqui.

M A D E L E I N E

Isso veremos.

B A R N A U D

Não ligo a menor importância a Faugarete e Hulin. Em qualquer outro lugar eles talvez até me divertissem, mas aqui não. Hoje pelo menos.

M A D E L E I N E

E porque ?

B A R N A U D

Você o sabe muito bem

M A D E L E I N E

Mas prefiro que você o diga

B A R N A U D

Cuidado Madeleine. Nunca uma mulher me tratou assim. Nem uma mulher nem ninguém. Acabarei por odiá-la

M A D E L E I N E

E daí ?

B A R N A U D

O meu ódio é implacável

M A D E L E I N E

Não tenho medo

B A R N A U D

Isso é o que você diz

M A D E L E I N E

7

O que ?

B A R N A U D

Sim. Não tem medo, não tem medo, mas quando em casa dos Galland, me propuz a acompanhá-la à casa, porque pediu aos outros que viessem ? Eu não reclamei a companhia deles, você sabe muito bem que o meu único desejo é ficar só com você.

M A D E L E I N E

Não há dúvida, mas não é o meu

B A R N A U D

Você é terrível, Madeleine. Mas eu me vingarei

M A D E L E I N E

Você tem uma maneira de me fazer a côrte que é pelo menos original. Só fala em vingança...

B A R N A U D

Eu não lhe faço a côrte, Madeleine, eu a amo. Amo-a loucamente, como um selvagem, o que não é a mesma coisa.

M A D E L E I N E

É verdade. Apenas eu não gosto dos selvagens.

B A R N A U D

Mas eu não lhe peço que me ame. Peço apenas que se deixe amar.

M A D E L E I N E

Não o impeço de me amar, se isso lhe diverte...

B A R N A U D

Não. Isso não me diverte... absorve-me inteiramente... não penso em outra coisa

M A D E L E I N E

É então uma idéa fixa.

B A R N A U D

Você não me compreende. Eu sou um homem simples. Amo-a, Madeleine. Você não me ama. Sou rico, poderoso. Sua fortuna é modesta, eu ofereço-lhe a minha. Você vive aqui com uma única empregada em um apartamento, muito modesto para você. Comigo você teria a vida de luxo para a qual nasceu. Teria tudo aquilo que desejasse (ela dá de ombros). Afinal, eu não sou nenhum monstro. Sei que não sou por aí nenhum Adonis, mas também não sou peor que qualquer outro. Várias mulheres me amarem. Há dez anos, quando eu ainda não era mais que um pequeno industrial tive uma amante verdadeiramente apaixonada. Afinal

eu não mudei tanto depois dêsse tempo...

M A D E L E I N E

Não há dúvida, Barnaud, você não é nada mau, mas por outro lado eu não sou rica, é verdade, mas possuo o suficiente para dispor de mim, como melhor me parecer. Quero entregar-me, por nada, a um homem que me agrade, mas não vender o meu corpo...

B A R N A U D

Diga logo que tem um amante.

M A D E L E I N E

Você não tem nada com isso.

B A R N A U D

É Faugaret ? (Madeleine dá de ombros) Hulin ?

M A D E L E I N E

Acertou. É Hulin.

B A R N A U D

Pois sim. Se fôsse você não o diria.

M A D E L E I N E

Em todo caso, de uma coisa pode estar certo: não é você e não o será nunca.

B A R N A U D

Quem sabe ?

M A D E L E I N E

Tenho certeza. Porque não se contentar em ser meu amigo ?

B A R N A U D

Não, Madeleine. Nós não poderemos ser amigos. Se eu não a amasse, tenho certeza que a detestaria. Quero-a e a terei. Para tanto recorreré ao tempo e ao preço...

M A D E L E I N E (rindo)

Isso não é uma declaração de amor. É, antes, uma declaração de guerra.

B A R N A U D

Acha que há uma grande diferença ?

M A D E L E I N E

Receio que lhe falte habilidade.

B A R N A U D

Em todo caso, se não fôr minha, não será de ninguém.

M A D E L E I N E

É uma guerra de cerco. Afinal você quer vencer-me pela fome.

B A R N A U D

Não ria, Madeleine. E seja prudente. Aquele que você preferir terá que pagar muito caro essa preferência.

M A D E L E I N E

Realmente ?

B A R N A U D

Juro-lhe.

(Entra Faugaret)

F A U G A R E T

Minha querida amiga, cheguei a tempo de ouvir as últimas frases da sua palestra, e, se me decidi a entrar foi porque me parece que você tem uma excelente ocasião para aceitar o desafio de Barnaud. Prove-lhe imediatamente comigo o pouco caso que faz das suas ameaças. Acrescento que sou ex-campeão de box amador, que atiro magnificamente a revolver e jogo espada como um mestre. E como não tenho muito dinheiro, é difícil que isto me custasse muito caro como ele diz.

M A D E L E I N E

Você é muito amável, Faugaret, mas agradeço o seu oferecimento.

F A U G A R E T

O que eu lhe proponho é sem a menor ilusão de minha parte, mas isso o aborreceria a tal ponto que eu chegaria a correr o risco de sofrer o resto da vida para passar uma noite com você e ver a cara dele...

B A R N A U D

Não sabia que era tão romântico assim.

(Janine entra, seguida de Hulin, trazendo uma bandeja com um jarro e alguns copos)

J A N I N E

Pode-se entrar ? Está aqui a água fresca. Barnaud, espero que não tenha dito muito mal de mim...

B A R N A U D

Não se tratou absolutamente de você.

J A N I N E

Que grosseirão (Barnaud serve-se de água. Enquanto ele bebe, Janine aproxima-se de Madeleine e pergunta-lhe em voz baixa) Ele falou-te ainda do seu amor ?

M A D E L E I N E

Naturalmente

J A N I N E

Então ele não deixará aquela mesma cara

M A D E L E I N E

Receio muito

J A N I N E

Encantadora reunião. (Ela aproxima-se de Hulin e diz-lhe em voz baixa.)

Exatamente como eu esperava.

H U L I N (em voz baixa)

Só ha uma coisa a fazer, irmo-nos. embora (alto) São tres horas da manhã. Se deixassemos Madeleine repousar?

F A U G A R E T

Tem razão. Barnaud nos conduzirá.

B A R N A U D

Vocês têm o carro de Hulin

(Campainha da porta de entrada. Todos ficam espantados)

F A U G A R E T

É o telefone

M A D E L E I N E

Não. É a campainha da porta (Novamente a campainha)

M A D E L E I N E

Quem poderá ser a esta hora?

F A U G A R E T

Quem quer que seja, está impaciente

H U L I N

Eu vou ver. (Sae, há um silencio, depois, ouve-se uma rapida palestra em voz baixa. Hulin volta.) É um agente de policia.

M A D E L E I N E

Um agente? que quer?

(Entra um rapaz corretamente vestido)

O A G E N T E

Peço-lhes que me desculpe, se os importuné a esta hora. Vi luz e tomei a liberdade de tocar a campainha.

M A D E L E I N E

O que deseja o senhor?

O A G E N T E

O A G E N T E

Não se assuste, minha senhora, se eu tomei a liberdade de vir importuna-la, do que ainda uma vez peço que me desculpe, foi para pedir-lhe uma informação.....

M A D E L E I N E

Faça o favor de dizer o que deseja.

O A G E N T E

A senhora naturalmente ouviu ha pouco tiros e apitos.....

M A D E L E I N E

Com afeito

J A N I N E

Nós fomos mesmo até o terraço para ver do que se tratava

F A U G A R E T

Vimos passar um taxi que parecia ser perseguido por um outro e assim que ele dobrou o canto da rua, os agentes ciclistas que vinham pelo outro lado, parece que o fizeram parar.

O A G E N T E

Na verdade, o carro parou, mas dentro dele não havia mais ninguém

J A N I N E (triumfal)

Eu não disse que um homem descera do taxi?

H U L I N

Qual nada. Ninguém viu e alem do mais o auto não diminuiu a marcha

O A G E N T E

Sinto muito contraria-lo cavalheiro, mas a senhora tem razão: um homem saltou, de fato, do taxi.

J A N I N E

Estão ouvindo?

B A R N A U D

E é a esse homem que o senhor procura aqui?

O A G E N T E

Não é isso exatamente. Eu venho apenas pedir-lhe uma informação

B A R N A U D

A mim, não. Não vi nada

O A G E N T E

O A G E N T E

Eu não pergunto especialmente ao senhor, mas a todos os presentes porque afinal, não sei até agora a quem pertence este encantador studio.

B A R N A U D , mostrando Madeleine

O senhor está em casa de Madame, que vim acompanhar com alguns amigos. Iamos justamente retirar-nos quando o Snr. tocou. Quanto a mim, chamo-me Barnaud.

O A G E N T E

Muito prazer...

B A R N A U D

Esse nome não lhe recorda alguma coisa?

O A G E N T E

Barnaud..., Barnaud..., os automoveis da mesma marca

B A R N A U D

Exatamente. Pois sou eu o Barnaud dos automoveis

O A G E N T E

Oh! Muita honra em conhece-lo pessoalmente. Mas, então aquele magnifico carro que está à porta é seu?

B A R N A U D

É.

F A U G A R E T

Que aliás é um carro americano

O A G E N T E

O seu "chauffeur" talvez esteja no carro

B A R N A U D

Não. Hoje eu mesmo dirijo.

O A G E N T E

É pena porque ele talvez pudesse nos fornecer uma informação preciosa

B A R N A U D

Se eu pudesse prever... Mas afinal porque o senhor subiu até cá?

O A G E N T E

Se tomei a liberdade de incomodá-los, foi porque temos motivos para supor que o homem que procuramos está aqui.

T O D O S

Aqui?

O A G E N T E, depois de um sorriso

O A G E N T E, depois de um sorriso

Sim. Neste prédio

M A D E L E I N E

O senhor me fez medo!

O A G E N T E

Peço-lhe perdão minha senhora

B A R N A U D

Mas afinal o que lhe faz supor que...

O A G E N T E

É muito simples: viram-no entrar no prédio

J A N I N E

Um inquilino?...

O A G E N T E

Tudo indica que não. Apenas, vendo-se perseguido, refugiou-se no edificio. Onde? É o que nos resta descobrir. E é para isto que estou aqui. (dirigindo-se a Madeleine) A senhora occupa o ultimo andar do prédio, desejaria saber se pelo terraço não se poderá atingir o telhado...

M A D E L E I N E

Confesso que não costumo passear por lá, mas parece-me que sem grande esforço...

O A G E N T E

E tuco que queria saber. Agora vou pedir-lhe licença para retirar-me (Madeleine dirige-se à porta para acompanhá-lo) Não. Por ahí, não. Pelo telhado

J A N I N E

Ah! Meu Deus, o senhor acha que ele estará lá em cima?

O A G E N T E

Não sei. Mas o meu dever é procurá-lo por lá. É o caminho classico dos malféitores.

F A U S A R E T

Quer que o acompanhe?

O A G E N T E

Não. Muito obrigado.



H U L I N

É arriscado o que o senhor vai fazer

O A G E N T E

O risco é da profissão

B A R N A U D

É um individuo perigoso?

O A G E N T E

Tem pelo menos a reputação

M A D E L E I N E

E o senhor está armado?

O A G E N T E

Esteja tranquila, minha senhora

J A N I N E

Cuidado para não cair

F A U G A R E T

Se precisar de reforços, chama-nos

(Estas últimas replicas são trocadas deante do terraco,  
por onde o agente desaparece.)

J A N I N E tapando os ouvidos

Tenho medo. Eles vão atirar e queima roupa

B A R N A U D

Tenha calma Janine. Com certeza quando ele, chegar lá não haverá nin-  
guem. O outro não terá ficado lá à espera dele.

M A D E L E I N E.

Em todo o caso, o agente é um homem de coragem

B A R N A U D

É como ele mesmo disse. É da profissão.

F A U G A R E T

E é um sujeito bem educado, o que é raro na policia

J A N I N E

Parece mais um detetive particular que um agente de policia

H U L I N

Porque diz você isto?

J A N I N E

Não sei. Talvez pela sua boa apparencia. (Ouvem-se alguns apitos)

Ah ! Meu Deus!

(Hulin vae ao terraço e olha para fora)

H U L I N

A coisa está ficando seria. Ha varios agentes na rua.

(Vê-se o agente deixando-se cair do terraço)

T O D O S

Então?

O A G E N T E

Ninguém. De resto não haveria meio de fugir pelo terraço. O prédio é mais alto que os vizinhos de pelo menos tres andares. (Sua calma já não é a mesma, nota-se-lhe ~~um~~ certo nervosismo. A Madeleine)

Aqui ha com certeza uma porta dando para a escada de serviço. Pode fazer-me a fineza de mostrar o caminho?

M A D E I E I N E

Pois não.

O A G E N T E

Muito grato. (aos outros) Minhas senhoras, meus senhores

(Sae acompanhado por Madeleine)

J A N I N E

Ele deve estar seguindo alguma pista (Pausa)

B A R N A U D

Espero que encontre quanto antes o malfeitor e nos deixe tranquilos.

J A N I N E

Em todo o caso o que não ha duvida é que ele é encantador

H U L I N

E parece apaixonado pela sua profissão

F A U G A R E T

Pelo menos exerce-a com muito tato

(Madeleine voltou. Neste momento ouve-se a campainha da porta com insistência).

B A R N A U D

Outra vez? Já é demais

H U L I N

Vou ver quem é F A U G A R E T

Desta vez vou com você. Pode ser o bandido.

M A D E I E I N E

Terie graça

(Riem todos. Hulin e Faugaret saem).

J A N I N E

Eu estou apaixonada

(ouve-se ~~um~~ dizer de fora "Policia". Depois, Hulin e Faugaret entram seguidos de dois policiais, um de cerca de quarente anos, de ti po classico dos agentes de policia: bigodes, chapéu ~~em~~ coco, e outro mais jovem aspecto deploravel).

O B R I G A D E I R O

Com licença: brigaceiro Roulet, inspetor Moine. Ha no telhado um individuo que nós procuramos. Por onde se passa, por favor?

M A D E L E I N E

Por aqui. Mas seu colega já esteve ~~aqui~~ lá.

O B R I G A D E I R O

Que colega?

M A D E L E I N E

Não sei. Um que apareceu aqui à procura tambem de um malfetor. que segundo ela está escondido no predio. Ele subiu até o telhado, mas não viu ninguem

O B R I G A D E I R O

Como é ele, esse nosso colega?

F A U G A R E T

Um rapaz moço ainda, de estatura mediana, cara raspada.

O B R I G A D E I R O

Que patife!

O I N S P E T O R

Que topete, hein?!

O B R I G A D E I R O

Ele se faz passar por agente de policia! Pois é atraz dele que nós andamos

JUNTOS

(BARNAUD - É ele o homem que estão procurando?  
 { HULIN - Não é possivel?!  
 { JANINE - Ele, um bandido?  
 { FAUGARET- A coisa começa a ficar interessante

O B R I G A D E I R O

O senhor acha? (ao inspetor) Corra depressa lá encima

(o inspetor se dirige para o terraço).

M A D E L E I N E

Não vale a pena. Ele não está mais lá. Eu mesma o acompanhei até a escada de serviço por onde ele desceu

O I N S P E T O R

Que topete, sim senhor!

O B R I G A D E I R O

Desça em todo caso por ahí. Mas a menos que acorde todos os moradores do prédio não ha meio de pegá-lo esta noite. Diga em baixo as informações que recebemos e que ponham homens em observação em todas as saídas. Amanhã faremos uma busca em regra em todo prédio.

O I N S P E T O R, que não cabe em si de admiração

Sim senhor. O homem é das arabias!

H U L I N

Vou mostrar-lhe o caminho

O I N S P E T O R

As ordens meus senhores e minhas senhoras. Que patife !

(sae acompanhado por Hulin que volta logo de pois)

O B R I G A D E I R O

Queiram desculpar-nos o incomodo. Mas nós pensavamos que desta vez o bicho estava seguro. Ha pouco foi a mesma coisa. Ele achou meio de fugir em um taxi. Felizmente que um ciclista o viu entrar neste edificio e amanhã o teremos nas unhas.

M A D E L E I N E

É um individuo perigoso?

O B R I G A D E I R O

Com esta especie de gente não se pode dizer nada. Ha dias em que eles se deixam prender sem a menor resistencia e outros em que se defendem como uns leões. É preciso muito cuidado

J A N I N E

Este tinha um ar tão gentil...

O B R I G A D E I R O

É bom não se fier. Eu fui da turma que perseguio o bando Bonnot. Havia uns incapazes de fazer mal a uma mosca, mas liquidavam um "caixa" com a maior facilidade

M A D E L E I N E

É um assassino esses que os senhores procuram?

O BRIGADEIRO

Ainda não

BARNAUD

Ainda bem!

O BRIGADEIRO

Oh! É uma questão de ocasião, basta um acaso... um reflexo, como se diz.....

FAUGARET

É um egresso de prisão?

O BRIGADEIRO

É uma maneira de dizer porque ele nunca foi preso. Mas, *foi* varias vezes condenado por contumacia. Desertor, ladrão, falsario, anarchista, enfim tudo para agradar..... Bem, meus senhores e minhas senhoras, com sua licença e ainda uma vez queiram desculpar-nos!

BARNAUD

Diga-me brigadeiro. Madame mora só neste apartamento e nós preparavamos justamente para deixa-la... Não lhe parece que haja perigo?

O BRIGADEIRO

Não. Absolutamente. Neste momento ele deve estar muito tranquilo no subsolo ..... ou em qualquer outro lugar. Em todo o caso se a senhora tem receio podemos deixar aqui um dos nossos homens.

MADÉLEINE

Não. Não vale a pena

FAUGARET

Você podia ir dormir no hotel

MADÉLEINE

Porque? Não tenho o menor receio

O BRIGADEIRO

Feche bem as suas portas e janelas por precaução, mas não tenha o menor receio. Boa noite minhas senhoras e meus senhores.

(Sae acompanhado de Hulin. Janine vae fechar as venezianas e janelas do terraço. Hulin volta).

JANINE

Queres que vá fechar as janelas do teu quarto?

M A D E I E I N E

Si quizeres. (A Hulin) Você fechou a porta da escada de serviço?

H U L I N

A chave

(Janine que sahiu voltará dentro de um instante)

B A R N A U D

Você não quer que fiquemos?

M A D E I E I N E

Não. Não ha o menor perigo

J A N I N E, que voltou

E dizer que eu o achava tão simpatico e ele era um bandido.

F A U G A R E T

Nos deviamos ter desconfiado

B A R N A U D

Por que?

F A G A U R E T

Por causa das suas boas maneiras. Eram boas demais para serem verdadeiras

J A N I N E

que a coragem é preciso ter para fazer isso...

B A R N A U D

Isso o que?

J A N I N E

Para ser bandido

B A R N A U D

E policia então?

M A D E I E I N E

Não é a mesma coisa. Veja esse sozinho contra tantos

B A R N A U D

Você acabará lastimando-lhe a sorte

F A U G A R E T

Eu admiro o seu sangue frio, a sua decisão...

B A R N A U D

Bem. É melhor irmos ~~XXXXXXXXXX~~ nos deitar do que estar aqui a dizer tcl*i*  
ces

H U L I N

Barnaud tem razão. Vamos embora

F A G A U R E T

Amanhã telefonarei para saber o que houve

B A R N A U D

Eu passarei por aqui.... quando fôr para a usina

M A D E L E I N E

Muito bem

(Janine, Faugaret e Barnaud passam para a antecâmara.  
Hulin e Madeleine ficam a sós.)

H U L I N

Até já então.

M A D L L E I N E

Você poderá voltar com todos esses policcias ahi?

H U L I N

Que quer você que eles me façam?

M A D E L E I N E

Não é lá muito prudente para quem quer passar despercebido

H U L I N

Não sou eu quem quer assim, é você. Eu, ao contrario, desejaria poder gritar a toda a gente que você é minha amante.

M A D E L E I N E

Chut!..... Podem ouvir..... Váe, váe, senão podem desconfiar

H U L I N

Até já, amôr.

M A D E L E I N E

Você tem a chave?

H U L I N

Se tenho! Parto só, deixo o carro na garagem ao lado e volto. Um minuto.

M A D E L E I N E

Amôr! ...

(Faugaret volta. Ele vestiu o seu sobretudo).

F A U G A R E T

Vamos Hulin

H U L I N

Vamos. Não havia meio de encontrar os meus cigarros.

(Janine e Barnaud aparecem prontos tambem para  
... sair)

J A N I N E

J A N I N E

Não teria graça nenhuma se nós o encontrássemos agora à saída.

B A R N A U D

Não tenha receio: Você está acompanhada por tres homens. Até logo Madeleine

(Saem todos e cena fica vazia)

A VOZ DE JANINE

Durma bem e não de pesadelos.

(ouvem-se algumas frases: "Fecha bem a porta". A porta é fechada. Madeleine volta só. Carterolando vae ao espelho e arranja o cabelo. Passa para o compartimento ao lado e cuve-se mais ou menos que corre agua para o banho. A porta da antecâmara abre-se um pouco, cautelosamente e vê-se então aparecer o falso agente de ha pouco que entra sem fazer ruido. Ele traz um revolver na mão. Fica no meio da cena inspecionando. De repente o telefone chama. Rapidamente e sem fazer barulho ele esconde-se atraz de um movel. O ruido de agua que corre na sala de banho cessa. Madeleine aparece em "oeshabillé" elegante. Vae ao telefone.

M A D E L E I N E

Alo! É você Barnaud? Esqueceu de alguma coisa?... De onde esta telefonando?... De um botequim?... Para tranquilisar-me?... Obrigada... Não, não tenho medo. Ia tomar meu banho.... O que? Você viu o Brigadeiro? E então? Ele está no subsolo? De modo que amanhã estará seguro.... Meteu-se num beco sem saída.... Ah! Sim.... Obrigada por ter me telefonado, mas não tenho o menor receio.... Obrigada, boa noite Barnaud.... vou deixá-lo, estou completamente nua.... eu ia entrar no banho quando você telefonou... e posso resfriar-me.... seja correto... Boa noite.

(Madeleine coloca o fone no gancho e volta à sala de banho. O homem vem apanhar o aparelho portatil e leva-o ao cutro extremo do studio. Depois vendo uma taça de champagne ainda cheia, bebe-a de um trago. Colocando-a de novo sobre a mesa choca-a com uma outra e um ruido cristallino corta o silencio. Minuto de tensão de parte do homem que tem o revolver na mão. Depois de um rapido momento de reflexão, ele choca propositalmente os dois copos. O ruido. O silencio. Depois.....

VOZ DE MADLEINE

Es tu querido?... Já?... Espera um pouco.....

(O homem sai rapidamente da antecâmara e volta a se colocar em frente



em frente a sala de banho, com o revólver na mão. Rápida espera. A porta abre-se. Madeleine vê o homem que a espera com o revólver engatilhado na mão direita e com a outra com um dedo sobre os lábios, indicando-lhe silêncio. Ela dá um grito estrangulado.

O HOMEM COM OS DEDOS NOS LÁBIOS

Silêncio !

MADELEINE, ofegante

Que deseja de mim ?

O HOMEM

Silêncio apenas. Não tenha medo; não lhe farei nenhum mal. Mas por favor cale-se (pequena pausa). Sente-se, a senhora está tão pálida!

(Ele quer segurá-la pelo braço)

MADELEINE

Se ~~me~~ me tocar eu grito.

O HOMEM, em tom de comando, sem tocá-la

Sente-se. (Madeleine senta-se junto à mesa em que estava o telefone portátil e procura-o com o olhar) O Telefone? Eu o mudei de lugar, está lá do outro lado.

MADELEINE

Que quer de mim afinal? Como entrou aqui ?

O HOMEM

Eu lhe direi se se comportar muito direitinho (Ele aproxima-se dela) E comportar-se bem é calar-se. Compreendeu?

(Ele está bem junto dela. Lentamente coloca o revólver no bolso)

MADELEINE

Saia de perto de mim, O senhor me faz medo.

O HOMEM

Acredito. Mas apesar disso ficarei aqui. Se por acaso lhe der na telha de gritar eu a impedirei <sup>logo</sup>rapidamente.

MADELEINE

Dou-lhe minha palavra de que não gritarei.

O HOMEM

Aceito-a com muito prazer, mas estarei mais tranqüilo assim. Um grito é uma coisa tão rápida...

MADELEINE

M A D E L E I N E

Meu dinheiro e minhas joias estão naquele móvel; leve-os. Juro que o deixarei partir sem dizer nada, mas por favor parta.

O H O M E M

Impossível.

M A D E L E I N E

Mas, afinal, o que quer?

O H O M E M

Não seja impaciente. Acalme-se. Temos toda a noite para conversar.

M A D E L E I N E

O que? O senhor conta passar aqui toda a noite?

O H O M E M

Nem é para outra coisa que aqui estou.

M A D E L E I N E

Veio aqui para esconder-se?

O H O M E M

Exatamente. Vim impor-me à sua encantadora hospitalidade até que o caminho esteja livre para que eu possa fugir.

M A D E L E I N E

E isto quando será?

O H O M E M

É o que ainda não sei

M A D E L E I N E

O senhor não pensa que eu o vá tolerar muito tempo aqui.

O H O M E M

Tolerar não. Mas suportar-me, sim.

M A D E L E I N E

Nunca! Prefiro gritar, correr o risco de ser morta, mas ficar livre do senhor.

O H O M E M, cuja voz se faz enérgica

Cale-se. Aconselho-a a não gritar, pois se o fizer liquido-a.

M A D E L E I N E

Bruto!

O H O M E M

Jogo neste momento a minha última cartada. A casa está cercada. Não posso fugir. Se gritar, prendem-me e serão alguns anos de prisão, talvez a trabalhos forçados. E a senhora imagine que eu hesitaria em ma-

tá-la para conservar a mais pequenina esperança ?

M A D E L E I N E

O senhor é um ente despresível!

O H O M E M

Oh! Eu não vim aqui para conquistar a sua estima. (Curto silêncio)  
Permite que tome um pouco do seu champagne ? Tive esta noite algumas emoções que me alteraram. A senhora também deve estar com sede. (Ele enche um copo e depois um outro que apresenta a Madeleine, que o recusa com um gesto) Vamos, não faça luxo, a senhora deve estar com a garganta seca. Eu sei o que são essas coisas. Vamos, beba! (Madeleine toma o copo) Muito bem. À sua saúde.

M A D E L E I N E

À sua breve partida.

O H O M E M

Muito bem. (Os dois bebem. Ouve-se um barulho de chave na porta de entrada. Um sorriso de esperança nos lábios de Madeleine. Mas o homem ouviu, e sacando o revólver, impõe-lhe silêncio. Pausa. Ruído da chave. Impaciência de Madeleine. Bruscadamente o homem que se aproximara tapou-lhe a boca e imobiliza-a apesar da sua resistência) Perdôe-me, mas é mais prudente... Fique tranquila... ele não entrará. Eu puz uma chave bem segura na fechadura pelo lado de dentro. (campainha discreta na porta de entrada) Está vencido? ele desistiu de abrir... (Novamente a campainha. Silêncio)

A VOZ DE H U L I N, chamando em voz baixa

Madeleine! Sou eu.

Silêncio. O homem deixa Madeleine em liberdade

O H O M E M

Perdão. Talvez eu a tenha magoado um pouco, mas era preciso. A senhora poderia fazer barulho e eu seria obrigado a ser brutal, o que seria para lamentar.

M A D E L E I N E

O senhor é mais forte e aproveita-se covardemente. Mas não queira passar por "gentleman".

O H O M E M

Posso assegurar-lhe que em geral sou um homem bem educado.

M A D E L E I N E

E honesto também, sem dúvida!...

O H O M E M

De acôrdo com o meu ponto de vista. Pessoalmente, não tenho nada que me reprovar.

M A D E L E I N E

Nem mesmo sua presença aqui ?

O H O M E M

Verdadeiramente, não, pois que ela me valeu o prazer de conhecê-la.

M A D E L E I N E

Mas, se é inocente, de que tem receio então ?

O H O M E M

Oh! Com a minha consciência estou absolutamente tranquilo. Vis-a-vis da sociedade é que sou culpado.

M A D E L E I N E

É desertor ?

O H O M E M

Sou. Tive alguns aborrecimentos por propaganda antimilitarista e então, quando chegou a ocasião, êles me mandaram para Marrocos.

M A D E L E I N E

Quem ?

O H O M E M

Êsses cavalheiros que estão lá em baixo.

M A D E L E I N E

E lá desertou ?

O H O M E M

Diante do inimigo. O inimigo hereditário do momento. O inimigo entre duas guerras, o Marroquino.

M A D E L E I N E

Fugiu diante deles ?

O H O M E M

Êles são muito corajosos. Por enquanto, são selvagens, mais tarde, porém, terão condecorações formidáveis. Então, para que êles se tornem nossos amigos, destroem-se as suas aldeias. Chama-se a isso penetração pacífica. Essa coisa não me agradava. Uma noite em que estávamos bêbedos de fadiga, eu disse isto mesmo um tanto alto. Um oficial me ouviu. Foi assim que a coisa começou... Discussão, injúrias, vias de fato, desacato a um superior, e, por certo, a minha condenação a trabalhos forçados. Preferí então ir-me embora. Quando digo ~~ir~~ ir-me embora, é

é uma maneira de falar... porque, posso garantir-lhe, a coisa não foi nada fácil... Desde aí a luta continúa e eu me defendo como posso. Sou um pouco cabeçudo. Eles não me vencerão.

M A D E L E I N E

O senhor, afinal, não passa de um covarde.

O H O M E M

É esse o termo consagrado.

M A D E L E I N E

O senhor é um ente desprezível. O senhor não tem nem mesmo, senão a desculpa, pelo menos a atenuante aos que vivem fora da Lei: a coragem.

O H O M E M

Alto lá! Seja mais delicada.

M A D E L E I N E

Foge, afinal, diante da polícia como diante do inimigo.

O H O M E M

Exatamente.

M A D E L E I N E

E só tem coragem diante de uma mulher indefesa.

O H O M E M

A senhor me julga do alto das suas idéas, das suas opiniões. É natural que não me compreenda.

M A D E L E I N E

E sinto-me muito feliz com isso. É ladrão também ?

O H O M E M

Oh! Roubo de documentos militares. Que diabo! eu não os podia levar para a caserna...

M A D E L E I N E

Falsário ?

O H O M E M

Passaportes falsos, falsos papeis de estado civil. Coisas mínimas.

M A D E L E I N E

É revoltante de cinismo.

O H O M E M

E a senhora não terá nada a lhe pesar na consciência ?

M A D E L E I N E

M A D E L E I N E

Nada, pelo menos de semelhante.

O H O M E M

O homem que há pouco queria entrar aqui às escondidas é seu amante ?

M A D E L E I N E

O que tem com isso ?

O H O M E M

Ele vem ao seu encontro com as mesmas precauções que eu tomei para esconder-me. Estará a senhora enganando alguém ?

M A D E L E I N E

Não. Somos ambos livres.

O H O M E M

Tem então vergonha ?

M A D E L E I N E

Para uma mulher nas minhas condições, há certas conveniências que é preciso respeitar... Conveniências que o senhor não pode compreender.

O H O M E M

Casem-se então. É assim que se faz na sua sociedade.

M A D E L E I N E

Eu faço questão da minha liberdade.

O H O M E M

Ah! Compreendo! O seu amante é uma questão de higiene...

M A D E L E I N E

Oh! Por favor!

O H O M E M

Em todo caso, se eu estivesse no lugar dele não estaria nada contente. Ser amante de uma mulher tão bela e ser obrigado a esconder-me. Eu, uma mulher que tivesse escolhido, gostaria de apresentar-me com ela em toda a parte, de dizer a toda gente: vejam... ela é minha!

M A D E L E I N E

Seria preciso não dizer muito alto

O H O M E M

Por que ?

M A D E L E I N E

Por causa da polícia. Poderiam reconhecê-lo.

O H O M E M

Oh! Era uma simples suposição. A mulher que eu escolherei não será deste mundo.

M A D E L E I N E

Felizmente. A vida que tem para oferecer-lhe não é lá tão bela...

O H O M E M, sombrio

É verdade. Eu devo viver só.

M A D E L E I N E

Não é agradável.

O H O M E M

Nada.

M A D E L E I N E

(pequeno silêncio)

Ainda tem sua mãe ?

O H O M E M

Não. Felizmente.

M A D E L E I N E

Para ela.

O H O M E M

Para ambos. Um de nós seria infeliz. Ela pelo que eu fiz. Ou eu pelo que não teria talvez ousado fazer.

M A D E L E I N E

Não se arrepende então de nada ?

O H O M E M

De nada.

M A D E L E I N E

Essa vida de eternamente perseguido não o fatiga ?

O H O M E M

Ah! Mas não é sempre assim. Tenho meses inteiros de tranquilidade. E depois, essa vida tem suas vantagens. Nenhuma obrigação além de ser prudente. Tiro vantagem da vida de todos sem delas participar. Não voto, não pago impostos, sou, em suma, o que muita gente desejaria ser se não fosse covarde.

M A D E L E I N E

O senhor tem uma idéia muito particular da coragem.

O H O M E M

É um sentimento muito desenvolvimento da honra, da honra de ser um homem e não um carneiro. É toda uma reeducação a fazer.

M A D E L E I N E

M A D E L E I N E

Obrigada. Não quero lição, embora a dê a domicílio.

O H O M E M

É como vê. Serviço a todas as horas. (telefone) Não se mexa. Deve ser êle. (Novamente telefone com insistência. Afinal o Homem vai ao aparelho, tira o fone e responde imitando a voz do encarregado). "O número que o senhor pediu foi mudado. Faça o favor de consultar a lista. O número que pediu foi mudado, faça o favor de consultar a lista. Faça o favor de consultar a lista"...

(Coloca o fone no gancho. Madeleine não pode reprimir um sorriso)

M A D E L E I N E

Não há dúvida que é engenhoso, mas não é uma solução porque êle pedirá de novo.

O H O M E M

E eu recomeçarei.

M A D E L E I N E

Não acha que seria preferível que eu respondesse ?

O H O M E M

Sinceramente, não.

M A D E L E I N E

Escute-me. O momento de medo passou. Agora estou inteiramente calma. No fundo o Sr. não deve ser mau. O sentimento que me inspira é mais de piedade do que de medo. Deixe-me responder-lhe. Dou-lhe minha palavra de honra - DA MINHA - que não direi nada que o possa prejudicar.

O H O M E M, depois de algum tempo

Tem razão. Eu ia fazer uma tolice. Aceito. Inútil, porém, dizer-lhe, pois se disser a menor coisa.....

M A D E L E I N E

Combinação. Tire o seu revólver do bolso (campainha do telefone) Ela vai ao aparelho, tira o fone do gancho. Êle segue-a com o olhar. Ela, com a voz de quem foi acordada pela campainha). Ah! É você? De onde está telefonando?... (Desclaa) Oh! Perdão! Não ouvi nada. Eu havia posto uma chave na fechadura e peguei no sono. É verdade, não me lembrei... a campainha do telefone me acordou... (ela ouviu) Ch! Estou tão cansada... estou dormindo em pé.... amanhã, sim... amanhã em tua casa.... enfim nós combinaremos.... O que? Não, não tenho nada... garantanto.... tolo.... uma palavra de carinho?... Queres que te diga al-



alguma coisa de gentil ?.... (atrapalhada, ela olha para o Homem como que implorando)

O H O M E M, em voz baixa

Faça-lhe a vontade.

(Ele tapa os ouvidos)

M A D E L E I N E, tranquilizada, ao telefone.

Até logo, amor...durma bem... adoro-te (depois ela faz sinal ao Homem, que ele pode ouvir) O que ? Viste os agentes ? Ah! Sim...ê ele está escondido no subsolo ? Então está seguro ? Ainda bem!... Até logo... estou caindo de sono....adeus....

(Coloca o fone no gancho. PAUSA)

O H O M E M

Bravos. Muito bem.

M A D E L E I N E

Obrigada pela sua discreção.

O H O M E M

Não tem nada que agradecer. Não fiz mais que o meu dever.

M A D E L E I N E

Ouviu ? Estão convencidos de que está no subsolo.

O H O M E M

Que idiotas! Amanhã vão virar a casa toda de pernas para o ar e interrogar todo mundo. Como estou incomodando os moradores do prédio!..

M A D E L E I N E

Mas afinal, como foi que voltou aqui ?

O H O M E M

Muito simplesmente. A fuga pelo telhado era impossível. Descobri uma claraboia aberta dando para um quarto de empregada, felizmente vazio. Desci por ela, abri a porta interna, subo novamente ao telhado e volto aqui, a senhora acompanha-me até à escada de serviço. Assim que a porta da escada foi fechada, subí de quatro em quatro até ao quarto da criada, cuja porta fechei por dentro, sem deixar o menor traço de minha passagem. De lá, para subir de novo ao telhado, voltar ao terraço e esconder-me no compartimento ao lado foi menos que uma brincadeira.

M A D E L E I N E, olhando-o

Tanta fôrça de vontade, tanta audácia, tão mal empregadas!

O H O M E M

Bem. A senhora deve estar fatigada. Vá repouzar.

M A D E L E I N E

O senhor supõe que eu vou poder dormir com um homem dentro de casa ?

O H O M E M

Ainda está com medo ?

M A D E L E I N E

Não. Mas em todo caso...

O H O M E M

Não tem confiança em mim ? (Entregando-lhe o revólver) Está aqui o meu revólver. É o único que tenho.

M A D E L E I N E, com o revólver na mão

E se eu chamasse agora ?

O H O M E M

Tenho certeza que não o fará. Vá descansar. E se me permite eu me deitarei naquele divan.

M A D E L E I N E

Pois bem. Não ficará formalisado se eu fechar o meu quarto a chave ?

O H O M E M

Absolutamente (Madeleine vai sair) Madame, pode ser que uma ocasião se apresente para a fuga. Se não a vir mais, permita que lhe agradeça.

M A D E L E I N E

Espero que quando levantar-me o senhor não esteja mais aqui. Em todo caso, as chaves estão nos móveis. Não quebre nada e deixe-me aquela pêndula, que não funciona mas é de estimação.

Madeleine sai. Ele fica imóvel. Depois vai até à pendula, olha-a, examina-a e põe-se a endireitá-la com precaução).

: P A N O :

F I M D O P R I M E I R O A T O

S E G U N D O    A T O

TRÊS DIAS MAIS TARDE. MESMO CENÁRIO. NA TARDE DE UM DOS PRIMEIROS DIAS DA PRIMAVERA.

GERARD sem paletot, as mangas da camisa arregaçadas, charuto no canto da boca, aspecto de operário, está montando o fonógrafo que acaba de consertar. O telefone chama. Ela não se mexe. Ao fim de algum tempo, deixa o trabalho, vai até à porta que dá para a cozinha do apartamento e sai por ela. Alguns instantes depois, volta. Ouve-se a voz de Benoite (a criada) que diz: Já vou, já vou, já ouvi! Não sou surda! Ela entra. É uma velha criada, tipo de mulher da província, cara de poucos amigos. Na mão traz uma bandeja com um prato, talher, pão, presunto e vinho. Com o prato em uma das mãos ela toma o fone com a outra.

BENOITE, ao telefone - Alô... Sim senhor... Não senhor... Madame ainda não voltou... mas não deve demorar... Pois não... darei o seu recado... (Desliga o aparelho)

GERARD - É ainda o Sr. Barnaud? (Benoite sem responder, coloca a bandeja sobre a mesa) Já são quatro horas! Como passa o tempo! (Benoite vê uma ponta de cigarro fumegando na ponta da mesa) Oh! perdão, não foi de propósito. (Ela dá de ombros, apanha o cigarro e coloca-o no cinzeiro e vai para sair). Benoite, o correio já chegou?

BENOITE - Não é da sua conta.

Benoite sai. Gerard começa a comer com a mão, isto é, sem servir-se do prato e do talher. Vai comendo e ao mesmo tempo montando o fonógrafo. Ouve-se movimento do laco de fora. Depois Madeleine entra. Traje de passeio, um embrulho na mão.

MADELEINE - Bom dia.

GERARD - Bom dia.

MADELEINE - Que está fazendo?

GERARD - Mastigando.

MADELEINE - E o que está fazendo com o meu fonógrafo?

GERARD - Notei que estava rinchando e então aproveitei a sua ausência para por-lhe um pouco de óleo... Dentro de três minutos estará tudo no seu lugar.

(Ele bebe um gole de vinho)-

MADELEINE - Não levante o braço assim.

GERARD, surpreso - Oh! Perdão!

MADELEINE - Segure o copo conservando o cotovelo em baixo, junto ao corpo.  
E não incline a cabeça assim para traz. É muito feio...

GERARD - Peço-lhe desculpas.

MADELEINE - É como sua maneira de comer. Aqui não se está numa oficina de trabalho nem no campo. Se disse a Benoitte para trazer-lhe um talher é para que se sirva dêle.

GERARD - Eu sei. Mas como pensei que estava só... Perdão. Ele vai sentar-se à mesa e faz o possível para comer corretamente) Assim ?

MADELEINE - Quasi.

GERARD - Não é tão bom!

MADELEINE - Questão de hábito. Eu, por exemplo, não poderia comer assim.

GERARD - É ? Pois olhe, não é nada difícil!

MADELEINE - Não. Mas me daria nojo.

GERARD - Questão de apetite. Foi em Marrccos que me habituei a comer a casca do queijo. A do camembert é a melhor.

MADELEINE, com falso interêsse - É verdade!

GERARD - Raspando-a um pouco, naturalmente.

MADELEINE - Oh! chega!

GERARD, depois de ligeiro tempo - Que tempo magnifico! Deve estar esplêndido lá fora.

MADELEINE - Eu passei pelo "Bois". Estava uma coisa encantadora. Deixei um pouco o carro para fazer uma caminhada. Se visse o verde das folhas novas...

GERARD - Eu bem gostaria de ver. Poder passear no campo com um bom amigo, discutir as possibilidades de um golpe, sentado entre as árvores...

MADELEINE - É assim tão infeliz aqui ?

GERARD - Seria preciso que eu fosse muito difícil para julgar-me infeliz. Levo aqui uma vida burguesa, cheio de cuidados, uma vida que nunca poderia esperar. Mas é preciso compreender, falta-me a liberdade...

MADELEINE - Mas é sempre melhor que a prisão.

- GERRARD - AH! Isso não há dúvida. E eu nunca lhe agradecerei bastante. Há quatro dias que estou aqui, que transtorno completamente sua vida. Sei perfeitamente o desarranjo que lhe causo e o perigo a que a exponho. Sim, porque se afinal a minha presença em sua casa fôsse descoberta, ela poderia causar-lhe grandes aborrecimentos.
- MADELEINE - Por isso mesmo, espero que não se vá mostrar no terraço.
- GERARD - Esteja tranquila.
- MADELEINE - Posso contar com a sua prudência, não é verdade ?
- GERARD - Com a minha prudência, sim!
- MADELEINE - E com o medo da polícia!
- GERARD - Por que dizer-me sempre coisas desagradáveis?
- MADELEINE - Deu agora para suscetível ?
- GERARD - Despresa-me tanto assim ?
- MADELEINE - Um pouco.
- GERARD - É pena, porque eu a tenho em grande estima.
- MADELEINE - Reconhecimento, quer dizer.
- GERARD - Não. Estima.
- MADELEINE - Desculpe que lhe diga, mas vindo de sua parte não me sinto muito lisonjeada. Terei tantos defeitos assim ?
- GERARD - Não são, por certo, defeitos que lhe faltam. A senhora é muito orgulhosa.
- MADELEINE - Serei covarde ?
- GERARD - É muito corajosa.
- MADELEINE - Deve, então, invejar-me, não ?
- GERARD - Bastante espirituosa!
- MADELEINE - Bastante, apenas ?
- GERARD - Sim. Tem o espírito trocista, o mais fácil (mudando de conversa). O Correio já chegou. Quer que diga a Benoite que o traga ?
- MADELEINE - Obrigada. Não tenho pressa e Benoite conhece os seus deveres.
- GERARD - Perdão.
- MADELEINE - entregando-lhe o embrulho - Isto é para o senhor.
- GERARD - Para mim ? o que é ?
- MADELEINE - Camisas, cuecas, meias...
- GERARD - Para quê ?

MADELEINE - O Sr. não pensa em ficar aqui sem mudar de roupa ?!

GERARD - Não. Mas eu já lavei a minha camisa!

MADELEINE - Sim, mas enquanto ela secava o Sr. passeava pela casa nú da cintura para cima. Se lhe parece agradável...

GERARD - Pensei que tivesse saído, sem o que não o teria feito...

MADELEINE - Assim, de hoje em diante, poderá lavar a sua camisa e ficar decente. Aí estão duas camisas, duas cuecas e dois pares de meias. Veja se tuco está nas suas medidas; se não estiver poderei trocar...

GERARD desfaz o embrulho - Está tudo muito bem... mas eu não preciso de tanta coisa. Afinal, não penso em ficar toda vida em sua casa.

MADELEINE - Há três dias que diz isso e ainda está aí.

GERARD - Não é culpa minha. O prédio continua cercado pela polícia. Foi a senhora mesma quem m'o disse. Seria um absurdo deixar-me prender agora.

MADELEINE - Ah! Isso nunca! Imagine a situação em que eu ficaria. Porque afinal de contas, tornei-me sua cúmplice.

GERARD - Isso, com certeza, e é mesmo passível de prisão.

MADELEINE - Magnífico!

GERARD - Com as suas relações, não seria muito incomodada pela justiça. E quanto a mim, com um advogado sem escrúpulos, enfim, o que se chama um bom advogado, poderia em troca de minha discreção obter uma condenação mais suave.

MADELEINE - O senhor pensa então que os juizes cederiam a uma tal chantagem ?

GERARD - A senhora os ajudaria.

MADELEINE - Julga-os tão galantes assim ?

GERARD - Eu sei que eles são mal pagos. Que anseiam sempre por uma promoção, que a Legião de Honra é o sonho dourado deles... A magistratura está pôdre. O capitalismo agoniza.

MADELEINE - Não, nada de propaganda em minha casa. Guarde os seus argumentos de reunião pública. Aqui está em terreno neutro.

GERARD - Peço-lhe desculpas. Afinal, quanto lhe devo por isto tudo?

(Mostra o embrulho e tira do bolso um carnet)

MADELEINE - Para que saber se não tem dinheiro ?

GERARD - É justamente por não ter dinheiro que pergunto quanto lhe devo. Tomo nota para pagar-lhe quando puder, em prestações mensais.

MADELEINE - Ha muito tempo. E mesmo se não puder pagar...

GERARD - Ah! isso não! Eu me conformo em lhe dever a minha liberdade, mas dinheiro não. Quanto ?

MADELEINE - Veja. As etiquetas não foram retiradas

(Ele olha o preço das camisas)

GERARD - 59 francos cada uma! Que loucura! Eu pago as minhas a 19 francos! Enfim, estas ~~XXXXXX~~ devem durar mais. Cueca 30 francos; um par de meias 25 francos.

MADELEINE - Garantidas, pura lã.

GERARD - A senhora me foma por algum Brummel ? (Fazendo a conta). Duas vezes 59 mais duas vezes 30 mais duas vezes 25 é igual a 228 francos. Acrescentando o preço da navalha do outro dia, o sabão, o pincel para barba, temos 248 francos. Devo-lhe 248 francos! (pequena pausa) Deverei curante muito tempo 248 francos.

MADELEINE - Quanto a isto estou perfeitamente tranquila. De resto, para ser justa, devo reconhecer que faz o possível para tornar-se útil, pagando em trabalho o que me custa em dinheiro. Concertou a pêndula que agora já funciona; ajuda Benoite a preparar os legumes, varre a casa, encera, e finalmente concertou meu aparelho de duchas.

GERARD - Faço o que posso. Eu desejaria poder fazer as suas compras, subir o vinho da adega, ocupar-me do motor do seu carro que deve estar sendo estrompado na garagem...

MADELEINE - No dia em que puder fazer tudo isso, ir-se-á embora. E será melhor.

GERARD - É verdade! (tímidamente) E os meus cigarros? Lembrou-se ?

MADELEINE - Aquí estão eles.

GERARD - Obrigado. (tira do bolso o carnet e toma nota) Dois maços de cigarro a 2 francos e 75.

MADELEINE - E estão também aqui os jornais...essas gazetas imundas.

GERARD - Obrigação! Não posso habituar-me a ler os seus pasquins. São ignobéis.

MADELEINE - Eu não obrigo a lê-los.

GERARD - Aconselho-a a que leia os meus.

MADELEINE - Obrigada. Já basta ouvir as suas bobagens.

GERARD - Prefere as suas mentiras.

MADELEINE - Seja mais delicado com os jornais de que sou assinante.

GERARD - Respeite então as minhas leituras.

MADELEINE - Não as deixe no meu salão. Ainda ontem deixou em cima do piano. Eu não faço nenhum empenho em passar por bolchevista. Já basta ter que me envergonhar diante do jornaleiro.

GERARD - Envergonhar-se de que? Para uma mulher da sociedade fica até muito bem ser comunista. É muito elegante.

MADELEINE - Eu não tenho êsse snobismo.

GERARD - E demais, se isso constitui tão grande sacrifício, não compre mais os meus jornais. Felizmente, muito breve poderei lê-los quando quizer.

MADELEINE - O senhor fala de sua partida como de uma ameaça.

GERARD - Como de uma ameaça não, mas como de uma libertação!

MADELEINE - Para mim!

GERARD - E para mim também!

MADELEINE - Isto é menos seguro!

GERARD - Garanto-lhe que sim. Começo a sentir-me cansado do seu desprezo, de ouvir todos os dias reprovações ao que chama a minha covar, dia. A senhora esconde-me, não há dúvida, dá-me de comer, veste-me mesmo, mas faz-me pagar tudo isto com humilhações constantes que me exasperam. Insulta as minhas opiniões e se quero dizer o que penso, acusa-me de fazer propaganda.

MADELEINE - Lamento a sua sorte.

GERARD - Lamento sim.

MADELEINE - Pois olhe, se não está contente, não o estou segurando. Como soube entrar, saiba sair.

GERARD - Não se incomode que eu saberei, mais depressa do que espera!  
(Benoite entra, interrompendo assim a discussão).



MADELEINE, a Benoite - Não veio ninguém durante a minha ausência ?

BENOITE - Não. O Sr. Barnaud telefonou; disse que virá esta tarde.

MADELEINE - E o sr. Hulin ?

BENOITE - Hoje não telefonou.

MADELEINE - Você falou com a porteira ?

BENOITE - Ele está sempre no café em frente a jogar cartas. O gordo disse à porteira que era da polícia, e mostrou-lhe uma fotografia para se acaso ela visse passar o indivíduo que eles procuram. A porteira disse-me que ele tinha uma cara de assassino.

GERARD - Que exagêro!

BENOITE - Não vejo nenhum exagêro!

(Gerard vai protestar)

MADELEINE - Silêncio! (Gerard entre dentes) "A ditadura" (Madeleine a Benoite) Continue.

BENOITE - Há sempre um que passa as noites na sala da porteira. Cada vez que alguém pede para sair ele acende e olha bem a pessoa antes de abrir. O gordo tem certeza de que o sujeito está ainda aqui, sem dúvida no apartamento de um cúmplice...

MADELEINE - Ele tem desconfiança de alguém ?

BENOITE - Ela não me disse. Mas o gordo disse-lhe assim: "gastarei o tempo que for preciso, mas garanto que o apanharei."

MADELEINE - E durante êsse tempo ficaremos sitiados.

BENOITE - E as pontas de cigarro por toda parte no apartamento e a porteira cada dia com um homem diferente dentro de sua casa à noite. Isso não é mais vida para ninguém. Eu, em seu lugar, o faria prender.

MADELEINE - Não é uma solução, Benoite. Se eu o tivesse feito logo, muito bem. Agora é tarde.

GERARD - Eu sou inteiramente da sua opinião.

MADELEINE - E depois, dei a minha palavra!

BENOITE - Você sempre foi boa demais. Um desses ~~XXXXXX~~ dias nos encontrarão as duas estranguladas.

MADELEINE, rindo - Não tenha o menor receio, Benoite. Garanto que não há o menor perigo.

BENOITE - Conclusão : ficamos com ele.

MADELEINE - Que quer? Não há outro remédio...

BENOITE - Está bem. Então que êle venha desentupir a pia da cozinha.

GERARD - Pois não, minha querida Benoite. Mas antes faça o favor de entregar a correspondência à Madame.

BENOITE - Eu não sou sua querida Benoite, nem tenho ordens suas a receber (ela entrega a correspondência que trazia no bolso a Madeleine) que diabo tem êle a ver com o correio hoje? Já não é a primeira vez que pergunta pela correspondência.

MADELEINE, rindo - Com certeza espera alguma carta.

GERARD - Advinhou.

MADELEINE, gracejando - Senhor Gerard Durier, provisoriamente em casa de Madame Madeleine Courtois, aos cuicados do brigadeiro Roulet. Em caso de ausência, fazer seguir para a prisão de la Santé.

GERARD - Não. Muito mais simples: Mme. Madeleine Courtois, 46 rua Camille Allilaire, 16<sup>a</sup>. Mas com uma pequena cruz no canto superior à esquerda.

MADELEINE - O que?

GERARD - Deve haver uma carta aí com essas indicações.

MADELEINE - Uma cruz no canto superior à esquerda? (Ela observa a sua correspondência) Com efeito.

GERARD - É para mim.

MADELEINE - Deixe-se de gracejos.

GERARD - Não há uma cruz, ao alto no canto esquerdo? Pois então? É para mim.

MADELEINE - O Senhor manda dirigir a sua correspondência para aqui? Está doido? Quer comprometer-me?

GERARD - Absolutamente. Não vê que estão tomadas todas as precauções, que dei todas as instruções?

MADELEINE - Instruções? O Senhor então se comunica com o exterior?

GERARD - Com toda a discreção. Apanhei o seu papel de cartas - peço-lhe desculpas - imitei a sua letra para o endereço e misturei a carta com a correspondência que Benoite ia levar para o correio.

X MADELEINE - Sim senhor! Que topete!

GERARD - Parece-me que já lhe mostrei ser capaz de muito mais.

- BENOIT - As surpresas não acabarão nunca com este sujeito dentro de casa.
- GERARD - Não se altere Benoit. Ao contrario tudo vae acabar. Esta carta traz a minha liberdade.
- BENOIT - Pois olhe, eu só ficarei socegada quando o senhor estiver na prisão. (Sae)
- GERARD - Dá licença que tome conhecimento da minha correspondência?
- MADELEINE- Não. Esta carta está endereçada à mim. Primeiro a lerei e eu.
- GERARD - Pois não? (entre dentes) A Censura!
- MADELEINE- (Olhando o envelope) O seu amigo não parece ter grande intimidade com a ortografia nem com a caligrafia.
- GERARD - Com certeza. O camarada Ducroux está muito mais a vontade com o massarico na mão do que com uma pena.
- MADELEINE- (lendo) Não te preocupes. Esteja pronto. Estou tratando de tudo. Dudu.
- GERARD - Formidavel este Ducroux!
- MADELEINE- Não se pode dizer que o seu amigo se perde em detalhes. (Ele dá-lhe a carta)
- GERARD - O seu estilo parece com o de Napoleão, não acha? É breve, mas claro.
- MADELEINE- Explique-me em todo caso o que elle quer dizer.
- GERARD - Isto quer dizer, que não a importunarei durante muito tempo, dentro em pouco estarei livre.
- MADELEINE- É verdade?
- GERARD - Livre! Ser livre, quer dizer que poderei comer como bem quizer, beber levantando o cotovelo à altura que entender trabalharr assobiando, ler os meus jornais, discutir com os meus amigos, fumando se me agradar.
- MADELEINE- E o que faz o senhor ao brigadeiro Roulet e do inspetor Moine?
- GERARD - Mandei dizer ao Ducroux que elles estavam a porta. Ele com certeza encontrou um meio.
- MADELEINE- Tanto melhor, porque a sua liberdade será tambem a minha.

- GERARD - Em todo o caso a senhora parece menos satisfeita do que eu
- MADELEINE - O que não deixa ver a minha alegria é a sua. Ela me mostra quanto lhe foi desagradável a sua permanência aqui.
- GERARD - É preciso não exagerar.
- MADELEINE - Como está contente em voltar às suas aventuras!
- GERARD - Que quer? Sinto-me inútil e fora do meu meio aqui. Incomodo e sinto-me mal. Vivo sozinho entre o seu desprezo e o ódio sardo de sua velha criada. Tenho necessidade de amizade, de simpatia, de estima. Perde-me por falar assim com tanta franqueza. (Campanha da porta)
- MADELEINE - Deve ser Barnaud; esconda-se, desapareça.
- GERARD - Para a cozinha?
- MADELEINE - Não para o quarto do fundo.
- GERARD - Está bem.
- MADELEINE - Leve ao menos a sua roupa.
- GERARD - Ah! É verdade! (Gerard apanha o embrulho e sai. Entra BEN
- BENOITE) Benoit)
- BENOITE - Posso abrir?
- MADELEINE - Espera. Olha antes se ele não deixou qualquer coisa por aqui.
- GERARD - Os meus cigarros... ia me esquecendo... (sai correndo)
- MADELEINE - (à Benoit) Vae abrir. (Benoite vae abrir. Madeleine fica só um momento. Gerard passa com precaução a cabeça pela porta. Madeleine baixo e assustada:) Vá-se embora homem.
- GERARD - Os meus jornais. (Ele mostra a cadeira onde os esqueceu. Madeleine vae para apanha-los mas a porta abre-se. Gerard desaparece. É Benoit que entra)
- BENOITE - É o snr. Hulin
- MADELEINE - Você disse que eu estava em casa?
- BENOITE - Disse
- MADELEINE - (depois de um movimento de contrariedade) Peça para entrar e esperar um momento.
- BENOITE - Bem. (Benoite sai. Madeleine vae desaparecer quando ~~XXXX~~ Gerard passando a cabeça pela abertura da porta diz em voz baixa:)
- GERARD - Os meus jornais.

MADELEINE- Ah! Sim! (ela vai para apanhá-los, mas a porta abre-se. Ambos têm apenas tempo para desaparecer. Benoit introduz Hulin)

BENOITE - Madame pede-lhe a fineza de esperar um momento.

HULIN - Obrigado. (Ele fica um momento só. Depois, Benoit voltando, vai desfarçadamente até a cadeira em que estão os jornais, apanhá-os e sai. Enfim, entra Madeleine, amável mas um tanto fria. Hulin um pouco desconcertado) Bom dia, Madeleine, peço-lhe que me desculpe se a venho ~~xxxxxxx~~ incomodar.

MADELEINE- (com um ar que quer dizer exatamente o contrário) Absolutamente. Não me incomoda nada.

HULIN - Como não há meio de poder fazer-lhe pelo telefone, resolvi vir ~~xxxxxxxxxxxx~~ pessoalmente pedir notícias suas.

MADELEINE- Fez muito bem e é uma grande gentileza sua. Mas Benoit já deve lhe ter dito que tenho andado muito ocupada esses dias.

HULIN - É verdade. Benoit seguiu fielmente as suas instruções. (pequena pausa) Alguma amiga doente, sem dúvida.

MADELEINE- Não.

HULIN - Alguém da família de passagem em Paris?

MADELEINE- Nada disso. Algumas visitas em atraso, umas compras e nada mais...

HULIN - Só?

MADELEINE- É tudo.

HULIN - (um pouco surpreso) Ah!

BENOITE - (entrando) Está ahí o senhor Barnaud.

MADELEINE- ~~xxxxxxxxxxxx~~ que entre (sai Benoit)

HULIN - Ah! Agora compreendo. Você tornou-se invisível para mim, mas Barnaud conservou o privilégio de vê-la.

MADELEINE- Oh! Hulin! (Benoit entra acompanhada por Barnaud)

BARNAUD - Até que afinal! (Ele percebe Hulin e diz com rudeza) Por aqui?

HULIN - É verdade.

BARNAUD - Sim senhora. É o que se pode chamar uma ingrata. Desde aquela celebre noite que me canso de telefonar para cá

e é sempre Benoite quem atende para dizer que você não esta. Já estou ficando meio aborrecido com a sua velha cfeada. Resolvi então dizer-lhe que viria hoje e aqui estou. Como vae a minha amiga?

MARCELEINE - Muito bem como vê%.

BARNAUD - Realmente. Parece até que se esconde para tornar-se mais bela ainda. Está com uma fisionomia admiravel! E tem um ar feliz! Será por me ver?

HULIN - Não se entusiasme. Ela já tinha este ar quando aqui cheguei.

BARNAUD - sem dar atenção a Hulin, dirige-se a Marceline: Não ha duvida, você está radiante de alegria. De resto você foi feita para a felicidade. É feliz?

MARCELEINE - Sou.

BARNAUD - Que pena!

MARCELEINE - Não se pode ser mais amavel.

BARNAUD - Eu desejaría que você fosse infeliz, atormentada, perseguida e que a sua felicidade dependesse somente de mim.

MARCELEINE - Bom, isso já é mais amavel.

BARNAUD - Nem tanto. É profundamente egoista. Eu queria ter direitos sobre você. Gostaria por exemplo de poder exigir explicações sobre o seu silêncio desses últimos dias. Imagine que fiquei quatro dias sem vê-la.

HULIN - Eu também.

BARNAUD - É muito tempo.

MARCELEINE - Isso já lhe aconteceu.

BARNAUD - Não vê-la é já uma coisa terrivel~~mente~~; mas, sem saber o que esta fazendo é insuportavel. Amo-a Marceline.

MARCELEINE - Creio que já mo disse uma vez.

BARNAUD - E dir-lhe-ei ainda. Ha quatro dias já que não lhe dizia

MARCELEINE - Tinha receio de esquecer?

BARNAUD - Não, mas vim para lembrar-lhe.

(Eles estão sentados em volta da mesa. Hulin está sentado em uma poltrona completamente ignorado por Barnaud que só se dirige a Marceline e prende toda a sua atenção).

- HULIN - Si quizer fazer a grande cena de declaração, eu posso retirar-me. (Ele faz menção de levantar-se)
- MADÉLEINE - Não faça isso. Fique ainda.
- BARNAUD - É verdade. Que fez aqui o senhor? Tem visto Madeleine esses últimos dias?
- HULIN - Todos os dias.
- BARNAUD - (a Madeleine) É verdade?
- MADÉLEINE - Não. Ele está dizendo isso para mexer com você. Eu não tenho visto ninguém. É verdade e Faugaret, têm notícias dele?
- HULIN - Tenho. Quiz que ele me acompanhasse, mas ele ~~me~~ respondeu-me que se você tivesse ~~mexer~~ interesse em vê-lo ele saberia.
- MADÉLEINE - Ora, ahí esta um amigo que não é egoísta.
- BARNAUD - De modo que nós que vimos pedir notícias suas, somos uns grosseirões?
- MADÉLEINE - Eu não disse isso.
- HULIN - Importunos, talvez?
- MADÉLEINE - (olhando-o com calma) Sim.
- BARNAUD - Fan! Olhe a cara de Hulin.
- HULIN - Que cara?
- BARNAUD - Você está exatamente como um cavalheiro que acabasse de receber um tiro no estomago.
- HULIN - Madeleine dirigiu-se a nós dois!
- BARNAUD - Sim. Mas a mim não me atinge. Eu não sou susceptível. É a defesa dos fracos. Quiz vê Madeleine e vi... é quanto basta. Ela pode aizer-me as coisas mais desagradáveis que eu terei sempre prazer em ouvir a sua voz. Que ela se ocupe de mim, para me fazer mal, é tudo quanto peço. Dela só receio a ausência.
- MADÉLEINE - Você está lírico hoje Barnaud.
- BARNAUD - Hoje para mim é domingo. E já que estou junto de você, tenho a honra de pedir sua mão em casamento.
- X MADÉLEINE - E eu, meu caro amigo, o grande <sup>pezer</sup> ~~pezer~~ de recusa-la.
- BARNAUD - Ficaré para a próxima vez. Eu sou paciente. Mas olhe a

- Mas olhe a cara de Hulin. Você esta coente Hulin?
- HULIN - Não. Vou até muito bem.
- BARNAUD - Talvez algum mal de amor?!
- HULIN - Talvez!
- BARNAUD - Conte-nos isso, será uma coisa divertida.
- HULIN - Qual. Isso não lhe poderá divertir.
- BARNAUD - Porque? Serei talvez muito estúpido?
- HULIN - O senhor não conhece bastante as mulheres.
- BARNAUD - Será preciso ser psicólogo para compreender a sua história? Oh! Então não me conte. Tenho horror das histórias complicadas.
- HULIN - E a senhora?
- MADELEINE - Eu não sou curiosa, mas em todo caso se é divertida...
- HULIN - Eu tenho uma amante.
- BARNAUD - Não ~~faz~~ ha dúvida que o homem faz questão de contar a sua historia. Quem é essa mulher? Eu a conheço?
- HULIN - Conhece.
- BARNAUD - A coisa esta ficando interessante. Pode-se advinhar?
- HULIN - Não direi o seu nome.
- MADELEINE - É pena.
- BARNAUD - É verdade assim a coisa fica menos interessante. É casada? Bonita?
- HULIN - Linda.
- MADELEINE - Muito?
- BARNAUD - Ahi está uma qualidade que restringe, desde logo, o circulo de procura. Muito linda mesmo?
- HULIN - Muito
- BARNAUD - Não vejo ninguém.
- MADELEINE - (gracejando) Obrigada.
- BARNAUD - Exatamente porque só me vem ao pensamento você, que não vejo ninguém.
- HULIN - Mas, talvez seja Madeleine. Quem sabe?
- MADELEINE - É verdade. Por que não hei de ser eu?
- BARNAUD - Por que não, afinal. Felizardo este Hulin! Mas nesse caso você não tem o direito de fazer essa cara porque é o mais feliz dos homens.



- HULIN - Acha?
- BARNAUD - (já não brincando mais) Não. Não creio porque lhe quebraria a cara.
- HULIN - Lembra-lhe ~~um~~ que estamos em um salão.
- BARNAUD - (em tom de deboche) Quebraria a sua cara, ~~meu caro~~ meu caro Hulin, como quebraria a de qualquer um que me tomasse Madeleine.
- HULIN - Serio?
- BARNAUD - Serio, meu jovem Hulin.
- HULIN - O senhor fala como se Madeleine lhe pertencesse
- MADELEINE - Eu não pertenco a ninguém.
- BARNAUD - Você pertencerá, àquele que a souber conquistar.
- MADELEINE - As mulheres não se conquistam. Elas escolhem.
- BARNAUD - Seja. Mas/ depois? Conserva-se-as
- MADELEINE - É preciso saber
- HULIN/ - Diga-me como. Essa informação me seria muito útil hoje.
- MADELEINE - Não creio.
- BARNAUD - Mas, é verdade, continue a sua história.
- HULIN - Oh! É inútil! Ela já esta acabada.
- BARNAUD - Decididamente você tem a especialidade das histórias idiotas. Você começa: "eu tenho uma amante", a gente fica a espera e a história esta acabada. Positivamente idiota.
- HULIN - Eu disse: eu tenho uma amante?
- BARNAUD - Exatamente.
- HULIN - Ah! Então enganei-me. (Olhando para Madeleine) Devia ter dito: eu tinha uma amante.
- BARNAUD - E depois?
- HULIN - Acabou
- BARNAUD - (a Madeleine) Eu não digo que é idiota?
- MADELEINE - Não, Barnaud, Hulin é um rapaz muito inteligente, muito simpático. Considero-o muito espiritual, bem educado e cheio de tacto.
- HULIN - Oração fúnebre.
- BARNAUD - O unico meio de esquecer uma amante é arranjar imediatamente outra. Janine teria grande prazer em atenc-lo.

Janine teria grande prazer em atendê-lo, meu caro Hulin.

HULIN - O senhor acha?

MADELEINE - Com certeza. Ela é uma das minhas boas amigas.

HULIN - Em todo caso, você poderia dar-me uma palavrinha de recomendação. para ela?

MADELEINE - Se isto pode servir-lhe! Em todo caso, devo dizer-lhe que a última vez que ela me telefonou não foi notícias suas que me veio.

HULIN - Ah! De quem foi então?

MADELEINE - Do mafeitor do outro dia.

HULIN - É verdade ela estava muito interessada por ele.

BARNAUD - A proposito. Teriam-no prendido?

MADELEINE - Não creio

HULIN - Se o não prenderam, é bem o que se pode chamar um espertalhão, pois o prédio estava completamente cercado.

MADELEINE - E ainda continua. A policia julga que ainda ~~está~~ aqui.

BARNAUD - Mas onde?

MADELEINE - Descubra-o e será recompensado.

BARNAUD - Ora, se ele tivesse ficado na casa, ao fim de três dias seria descoberto. E depois, já deveria estar com fome.

(Hulin levanta-se)

MADELEINE - Já se retira?

HULIN - Peço licença. Vim inquieto em busca de notícias suas. Já agora posso retirar-me tranqüilo. Até a vista, sr. Barnaud. O senhor naturalmente ainda se demora.

BARNAUD - Cinco minutos mais

HULIN - ( a Madeleine que levanta-se para acompanhá-lo) Eu conheço o caminho. Não se incomode.

BARNAUD - Encantador esse rapaz; você tem razão e tem muito tato.

MADELEINE - Por que diz isso?

BARNAUD - Não vê como deixa-me em sua companhia? No entanto ele também é ama.

\* MADELEINE - Ah! Sim!

BARNAUD - Ora, não se faça de ingenua.

MADLEINE - Pobre Hulin, faz tudo quanto quero e parece ainda agradecer.

BARNAUD - Hoje, não.

MADLEINE - É verdade, ~~xfinal~~ mas afinal, ele não se rebela nunca, aceita tudo.

BARNAUD - Lá isso é verdade, não é nada lutador.

MADLEINE - Ele não sabe querer. Deseja apenas. Em vez de defender-se, retira-se. Tem alma de locatário. (Benoite entra)  
Que é Benoite?

BENOITE - Está ahí um homem que vem consertar um cano.

MADLEINE - Que cano?

BENOITE - Ah! Isso não sei.

MADLEINE - Nem eu.

BENOITE - Então para que o mandou chamar?

MADLEINE - Eu não mandei chamar ninguém. Com certeza ele se enganou de andar.

BENOITE - O que eu sei é que ele perguntou se era aqui o apartamento de Madame Madeleine Courtois. Eu disse que sim e ele respondeu que vinha concertar um cano por causa de uma fuga.

MADLEINE - Não é possível Benoite. Ele deve estar enganado ou então estão pilheriando. Diga-lhe que não precisa de bombeiro nenhum.

BENOITE - Está bem (sae resmungando).

BARNAUD - Madeleine, quando me dará você o prazer de jantar comigo?

MADLEINE - Com quem?

BARNAUD - Nós dois sós.

MADLEINE - Eu não gosto de sair só com você.

BARNAUD - Tem meco que a comprometa?

MADLEINE - Não. Mas, gosto mais de sua companhia quando ha outras pessoas.

BARNAUD - Não se pode ser amavel.

MADLEINE - É que desde que estamos sós, você começa a falar do seu amôr e devo confessar que acho-o muito mais sedu-

- secutor quando fala de mecânica. Outro dia por exemplo quando discutia motores com Faugaret, você estava particularmente brilhante.
- BARNAUD - Faugaret fala de mecânica como um amador enquanto que eu sou um profissional. De modo que as suas teorias me deixam indiferente.
- MADELEINE - É mais ou menos o que acontece comigo quando você me fala do seu amor.  
(Benoite volta)
- BENOITE - Ele não quer ir-se embora. Garante que lhe disseram para vir concertar um encanamento.
- MADELEINE - Afinal eu não estou maluca. Diga a esse homem que ele está enganado.
- BENOITE - Já disse. Ele respondeu que não está enganado. Que veio por causa de uma fuga.
- MADELEINE - Então ele está coído.
- BENOITE - Não parece. Em todo o caso ele disse que quer falar com você.
- BARNAUD - Quer que eu vá ver do que se trata? talvez seja um beerrão.
- BENOITE - Não. Ele não está embriagado. Posso garantir.
- MADELEINE - Mande-o ~~entrar~~ entrar então. Havemos de vê-lo.  
(Benoite sai e volta acompanhada por Ducroux, tipo de operário parisiense.)
- BENOITE - Aí está o homem.
- DUCROUX - Minha senhora... cavalheiro...
- MADELEINE - A empregada diz que o senhor faz empenho em falar comigo
- DUCROUX - É sim, minha senhora. Por causa de um reparo no encanamento, por causa de uma "fuga".
- MADELEINE - Não compreendo. Eu não mandei chamar ninguém.
- DUCROUX - A senhora é que está esquecida. Lembre-se bem, era por causa de uma fuga...
- BARNAUD - Mas afinal, uma vez que a senhora está dizendo que não ordenou chamar por que está o senhor a insistir?

DUCROUX - Peça-lhe perdão. Mas não é aqui o apartamento de Madame Madeleine Courtois?

MADELEINE - ~~Exix É~~

DUCROUX - Pois então. Eu me chamo Ducroux.

MADELEINE - (surpresa) Como?

DUCROUX - Ducroux que mandou outro dia <sup>um</sup> empregado aqui.

MADELEINE - (com vivacidade). Ah! Sim! Agora me recordo... espere um momento... (A Barnaud) Desculpe meu amigo, mas tenho que deixá-lo para dar umas explicações a este homem.

BARNAUD - à vontade. De resto, eu ia mesmo retirar-me (fazendo gesto de despedir-se) Posso então organizar com alguns amigos o nosso jantar para amanhã?

MADELEINE - Não. Vamos deixar para depois de amanhã. Será mais certo.

BARNAUD - O que? Ainda 48 sem vê-la? Enfim! Já que não há outro remédio... Em todo caso telefonarei. Mas previno que não é com Benoite que quero falar.

MADELEINE - Combinado.

(Os dois seem)

DUCROUX a Benoite - Está vendo, Vovó, como eu tinha razão?

BENOITE - É... Mas afinal, onde é essa fuga?

DUCROUX - Para mim é aí para o lado da escada...

BENOITE - Na escada?

DUCROUX - Sim. É o que se chama uma fuga a correr (ri)

MADELEINE - (voltando) - Deixe-nos, Benoite. (a Ducroux). Então o Sr. é que é o Senhor Ducroux?

DUCROUX - Eu mesmo, minha senhora.

MADELEINE - Foi então o Sr. que me escreveu?

DUCROUX - Sim, isto é, o envelope era dirigido à senhora, mas a carta era para...

MADELEINE - Para o Sr. Gerard Durier. Eu a entreguei.

DUCROUX - Ah! Ele está aqui então?

MADELEINE - Eu vou preveni-lo da sua chegada, que eu não esperava fôsse assim tão imediata.

DUCROUX - É verdade. Mas uma ocasião apressentou-se e eu não podia deixar escapar.

MADELEINE - Quer dizer, então, que vem buscá-lo ?

DUCROUX - Em princípio, é verdade, mas é preciso antes que o veja que discutamos os prós e os contras, para não fazer por aí alguma asneira.

MADELEINE - Sim. Sobretudo nada de tolices agora. Veja lá...

DUCROUX - Esteja sossegada, o servicinho será bem feito.

MADELEINE - O Sr. sabe que a casa está cercada ?

DUCROUX - Sei. Ele escreveu-me.

MADELEINE - Bem. Vou avisá-lo da sua presença. Os senhores devem ter muitas coisas que se dizerem.

DUCROUX - Nem tanto.

MADELEINE - Os senhores são amigos, não ?

DUCROUX - Somos velhos camaradas desde o colégio. Ele sempre foi mais inteligente do que eu. Só vendo o número de livros que ele leu. É o que se chama um intelectual. As nossas idéias políticas é que diferem. Eu sou vermelho!

MADELEINE - Ele não ?

DUCROUX - Não. Ele é mais um revoltado. Eu o chamo um franco-atirador. Se tivesse aderido ao partido, seria deputado. Imagine! Desertor como ele é seria uma bandeira. Todos os ~~meus~~ camaradas ~~me~~ o seguiriam. Mas, qual, ele não quer. A senhora é que devia aconselhá-lo a entrar para o partido. É do seu próprio interesse.

MADELEINE (sorrindo) - O senhor quer então que eu faça propaganda ?

DUCROUX - E por que não ? A senhora já é o que se chama uma simpatisante.

MADELEINE - Absolutamente. Eu sou uma reacionária, como os senhores dizem.

DUCROUX - A senhora reacionária, radical-socialista ?

MADELEINE - Não sei. Não entendo de política.

DUCROUX - Faz mal. As mulheres vão ter o direito de voto. É preciso que tenham uma idéia política. Eu a farei escrever no jornal do partido.

MADELEINE - Não. Muito obrigada.

DUCROUX - A título de propaganda apenas, sem compromisso.

MADELEINE - Não, não, de forma alguma.

DUCROUX - De qualquer forma, agradeço o que tem feito. É tanto mais belo quanto a senhora não tem as nossas idéas.

MADELEINE - Bem, bem, eu vou chamá-lo.

(Madeleine sai. Ducroux fica um momento só, depois entra Gérard)

GERARD - O que?! Já?!

DUCROUX - Comigo não se perde tempo. Recebí a tua carta, uma ocasião se apresentou e cá estou.

GERARD - Bravos! Explica então.

DUCROUX - Aí vai. Tu conheces Chaussin ?

GERARD - Não.

DUCROUX - É um camarada comunista. Um puro. Eu expliquei o teu caso por meias palavras. Era preciso, porque ele tem um pequeno caminhão. Ele topou a parada e está lá em baixo com dois companheiros. Eu subí como quem vai fazer um reparo, por sinal que não me queriam deixar entrar. Afinal, eu disse o meu nome, ela compreendeu, despachou um tipo que estava de visita e pudemos nos entender. Ela foi simplesmente formidável, e que pequenão, ehim?! Tu não deves ter te aborrecido com ela!

GERARD - Bem. Deixa-te de conversa e vamos ao que serve.

(Entra Madeleine)

MADELEINE - Pode-se entrar ?

GERARD - Seja bem vinda. Nós vamos discutir a maneira de agir dos meus companheiros para levar-me com eles. A sua opinião nos será útil.

MADELEINE - Então, qual é o plano ?

DUCROUX - Aí vai ele: - eu vim numa "camionette", trouxe comigo um ~~casaco~~ costume de ~~azul~~ azuarte dêsse usados pelos operários. Gérard vestirá o costume e os dois desceremos juntos, tomaremos a "camionette" e daremos o fora tranquilamente. Nada mais simples.

MADELEINE - Um pouco simples demais. O senhor se esquece que a casa

está vigiada, que os sinais do seu amigo são conhecidos da polícia e que não há de ser com um simples costume de zuarte que êle ficará irreconhecível.

DUCROUX - Não há dúvida. Mas pare reconhecê-lo seria preciso que êles olhassem para êle. E no momento em que nós chegarmos em baixo, garanto que êles estarão bastante ocupados com coisas mais sérias. Quantos são os agentes ?

MADELEINE - Não sei.

DUCROUX - Mas sei eu; são dois. Eu já os descobri. Nada mais fácil de descobrir do que um agente da polícia que pretende passar despercebido. E depois, eu tenho faro. É do instinto. Eles estão no café em frente a jogar cartas...

MADELEINE - Ou a fingir que jogam.

DUCROUX - Não se incomode. Eu pensei tudo. Trouxe comigo dois camaradas que entrarão no café, e, no momento preciso, se encarregarão dos dois. Enquanto isso nós escaparemos.

GÉRARD - Bem combinado.

DUCROUX - E a senhora, o que pensa ?

MADELEINE - Penso que o seu plano é bem frágil. Um nada dará com êle por terra.

DUCROUX - Como assim ?

MADELEINE - Se por exemplo os agentes não estiverem no café ?

DUCROUX - Mas é que êles estão, e foi por isso mesmo que eu vim. E precisamos não perder tempo.

GÉRARD - Tens razão. Não há um minuto a perder.

DUCROUX - Então, nenhuma objeção ? Vamos aos votos. Eu digo "sim".

GÉRARD - Eu também. E a senhora ?

MADELEINE - Eu voto contra.

DUCROUX - Está aceito. Dois contra um.

GÉRARD - Mas por que é a senhora contra êsse projeto ?

MADELEINE - Porque o acho extremamente arriscado. Para mim e para os senhores. Admitamos que sejam apanhados e que lhes perguntem de onde vêm. Que responderão ?

GÉRARD - Nada. Pode estar tranquila. Nada diremos que a possa comprometer. Dou-lhe a minha palavra.



- DUCROUX - E depois, não vale a pena pensar nisso porque eles não nos pegarão. O plano é maravilhoso. Nada de pessimismo. Nesses casos o que é preciso é ter confiança.
- GÉRARD - E agir com rapidez. Desce para avisar aos companheiros. Acerta o relógio com ~~eles~~ os deles. Fixa uma hora precisa e volta.
- DUCROUX - Combinado. Vou e volto já.
- GÉRARD - <sup>(êle sai)</sup> Desta vez é sério. Vai ficar livre de mim.
- MADELEINE - Que seja feliz.
- GÉRARD - Obrigado. Farei o possível.
- MADELEINE - E o que pretende fazer depois ?
- GÉRARD - Depois, veremos. Penso que irei à Espanha, onde tenho alguns amigos. É preciso botar a fronteira entre mim e a polícia durante algum tempo. Mas isto não lhe interessa mais; a senhora já terá voltado aos seus hábitos, à sua vida fácil.
- MADELEINE - E essa sua vida sem esperança e sem fim não o atemoriza?
- GÉRARD - Por que ?
- MADELEINE - O senhor se cansará dessa existência sem repouso, sem que a polícia se cante de o perseguir, e um dia ela lhe porá a mão em cima.
- GÉRARD - Não fale em coisas tristes. E depois, eu não perco a esperança de ser anistiado.
- MADELEINE - Está vendo? É a confissão de uma primeira fraqueza. (Um breve tempo. Sua voz se torna mais grave). Escute-me e reflita no que lhe proponho. Eu tenho boas relações, amigos poderosos e ricos, conheço grandes advogados; quer que lhes submeta o seu caso ?
- GÉRARD - Agradeço muito, mas não cederei. Foi depois de muito refletir que puz entre mim e a sociedade uma barreira intransponível. Quiz ir até ao fim das minhas idéas para ver se era um homem. E aí fico.
- MADELEINE - O senhor ainda é moço. Mais tarde se arrependerá. Seja razoável.

GÉRARD - Primeiro a mocidade. A razão depois. E eu quero ser moço até à minha morte.

MADELEINE - Palavras... Quando tiver mais experiência...

GÉRARD - Se a experiência é feita de resignação eu não a terei nunca.

MADELEINE - O senhor julga ter firmeza de carácter, e, no entanto, o que é - é teimoso. Sua ação é a inação. A vida é bela, creia.

GÉRARD - A quem o diz ?! Eu a acho magnífica!

MADELEINE - A sua?!

GÉRARD - A minha sobretudo, pois que a escolhi. Cada dia eu saboreio mais, será talvez o último em que serei livre. Assim por exemplo, agora que vou partir, posso dizer com franqueza que não fui tão infeliz em sua casa. Aquí apreciei a vida burguesa. Ela tem muito de bom, e, por certo, me adaptaria a ela.

MADELEINE - Mas, há pouco dizia o contrário.

GÉRARD - Há pouco eu pensava que ainda ia ficar. Agora, porém, que sei que parto, tudo muda de figura. É quando se as perde que se apreciam as coisas. No fundo já era tempo de partir.

MADELEINE - Por que ?

GÉRARD - Compreendo agora que gosto do conforto, da boa vida. Se eu me ouvisse, seria capaz de me criar necessidades e estaria perdido. Quando a gente se cria necessidades, fica preso na engrenagem, e adeus revoltas.

(Ducroux volta)

DUCROUX - Está tudo pronto.

GÉRARD - Quanto tempo temos ainda ?

DUCROUX (consultando o seu relógio) - Eu marquei seis horas menos dez. Temos ainda oito minutos. Se tens alguma coisa a fazer, avia-te.

GÉRARD - Não. Estou pronto.

MADELEINE - É verdade. Leve a roupa que comprei.

GÉRARD - Não, obrigado. A senhora restituirá à casa onde comprou.

MADELEINE - Leve-a consigo. Dê-me êsse prazer.

DUCROUX - Anda, deixa-te de luxo. Uma vez que a senhora te oferece.

MADELEINE - Bem. Vou fazer um pequeno embrulho.

(Madeleine sai, apesar dos protestos de Gérard)

DUCROUX - Então, estamos entendidos. Eu desço na frente para por a máquina em marcha. Dois minutos depois tu desces, calmamente tomas lugar a meu lado, e damos o fora.

GÉRARD - Muito bem. E os camaradas ?

DUCROUX - Estão perfeitamente industriados. Já lhes mostrei os agentes; êles sentaram-se à mesa ao lado. Às seis horas menos dez, depois de ligeira discussão, êles se atracam e armam o conflito.

(os dois riem)

GÉRARD - Que horas são ?

DUCROUX - Calma. Tens tempo. Esperemos que ela arranje as tuas coisas e depois irás te preparar.

GÉRARD - Parece melhor tratar disso já.

DUCROUX - Bem. Então vamos à cozinha: eu deixei tudo lá.

GÉRARD - Vamos! (êles vai para sair com Ducroux, mas no momento de sair volta) . Um momento...

(Ducroux sai, Gérard volta à cena e depois de verificar que ninguém o está vendo, vai ao móvel sôbre o qual está a fotografia de Madeleine. Tira-a da moldura, põe-na no bolso e coloca a moldura a um canto. Depois sai. A cena fica um instante vazia. Depois Benoite aparece; vai ao telefone, olha para verificar se ninguém a vê e tira o fone do gancho, e pede um número)

BENOITE - Alô! Alô! ..... É o café?..... Eu queria falar ao Sr. Roulet.... Um senhor gordo que está jogando cartas com um senhor magro.... é urgente... Não.... É pessoal e urgente....(um tempo) É o brigadeiro Roulet ? Faça o favor de ouvir-me: o senhor não me conhece, mas previno-lhe que o homem que o Sr. procura vai sair da casa dentro de poucos minutos.... Quem sou eu? ... Não lhe interessa. O que eu estou lhe dizendo é que o homem vai sair e mais, que a ~~em~~ seu lado estão dois jogadores que discutem, não é verdade? Pois bem, não lhes dê importância e dirija-se à casa em frente... Onde?...Fique na porta que êle vai sair...Ja

Já lhe disse que não interessa saber quem sou eu. (Benoite desliga) que sujeito curioso! (Ela vai para sair quando voltam Ducroux e Gérard, éste em costume de operário. Ela fica um pouco surpreendida).

GÉRARD - Não tenha medo, Benoite. Éste é o costume da minha fuga. Você nunca mais me verá. Seja feliz. Onde está a patroa? Eu queria me despedir. (a Ducroux) Esta velha que está vendo criou a patroa e servir-lhe-á até à morte. É como um cão fiel.

DUCROUX - Ela não tem a alma ~~de~~ proletária. É uma escrava. É verdade que se eu tivesse uma patroa como a dela não faria luta de classe com ela. Ao contrário, faria aproximação.  
(Madeleine entra trazendo na mão um embrulho)

MADELEINE - Aqui está.

DUCROUX, tomando o embrulho - Obrigado. Eu me ocuparei dele.

GÉRARD - O tempo passa. Receava não ter tempo de agradecer-lhe ainda uma vez antes de minha partida.

MADELEINE - Não falemos nisso. É o seu traje de fugitivo ?

GÉRARD - É. Não pareço um operário bombeiro ?

MADELEINE - Perfeito.

DUCROUX - Peço perdão, mas chegou o momento de descer. Não esquecerei nunca o que a senhora fez pelo meu amigo. Aquí está o meu cartão. Eu sou realmente bombeiro, de modo que, se algum dia a senhora tiver necessidade de qualquer serviço, lembre-se de mim. Terei imenso prazer em ser-lhe agradável. Sinceramente.

MADELEINE - Prometo-lhe que não me esquecerei.

DUCROUX - Bem. Agora, atenção. Está na hora. (a Gérard) Eu vou descer. Quando ouvires bater a porta, começarás a contar, sem pressa, até 120. Quando acabares, é o momento de desceres. Até à vista Madame, e obrigado.

MADELEINE - Até à vista. (Ela estende-lhe a mão que éle aperta vigorosamente e sai apressado. Pequena pausa. Gérard e Madeleine ficam imóveis. Ouve-se a porta bater. Gérard começa a contar. Madeleine escuta um instante. Quando ela lhe

falar Gérard continuará a conta mais baixo. Não está com um pouco de medo? (Com a cabeça êle lhe faz sinal que não) Não?! O coração está batendo mais rápido, confesse... (Êle faz sinal que sim, talvez). Queira Deus que tudo corra bem. Eu estou muito inquieta, não escondo. Sobretudo, não desça muito cedo. É melhor que êle espere para que tudo esteja pronto.

GÉRARD, bruscamente - Conte. (Êle diz em voz alta dois ou três algarismos para que ela siga a contagem. Ela prossegue.) Obrigado. É para lhe dizer adeus enquanto conta em meu lugar. Ou melhor: até a vista, pois que espero ainda tornar a vê-la. Guardo, dos dias que passei a seu lado, uma impressão profunda... Não... não fale. Em quanto está? (Ela diz-lhe um número) Obrigado. Terei muitas saudades. Mandar-lhe-ei notícias minhas por Ducroux. Permite? (Ela faz sinal que sim com a cabeça) E pedirei também as suas.

MADELEINE - 120. (Gérard aperta-lhe bruscamente a mão). Espere. Eu contei muito depressa.

GÉRARD - Não. Chegou o momento.

(Depois de lhe ter apertado a mão, êle dirige-se para a porta sem voltar-se. Neste momento um toque violento de campainha faz-se ouvir. Gérard para e espera, inquieto. Madeleine, com um gesto, mostra-lhe a porta de seu quarto. Êle hesita um momento, e depois vai rapidamente esconder-se lá. Pequena pausa. Benoite entra)..

BENOITE - É um agente da polícia. Êle quer te falar.

MADELEINE, depois de curta hesitação - Mandê-o entrar.

O AGENTE, um tanto esfalfado - Perdôe-me se a incomodo. Talvez a senhora me reconheça. Eu desejava uma informação. Veio um bombeiro aqui a sua casa?

MADELEINE, depois de hesitar - Veio.

O AGENTE, um pouco desapontado - Ah! ... E a senhora o mandara chamar?

MADELEINE - Mandei sim. Mas, por que pergunta?

O AGENTE - Por nada. A coisa é mais complicada do que parecia. A senhora não notou nada de extraordinário nos seus modos? Enfim... a sua atitude não lhe pareceu suspeita?

(Ele se dirige tanto a Madeleine quanto a Benoit)

MADELEINE - Não. Mas, ainda uma vez, porque todas essas perguntas ?

O AGENTE - É que eu o prendi.

MADELEINE tem um movimento de surpresa - O senhor o prendeu ?

O AGENTE - Sim. Eu lhe explico. Nós estamos, eu e o meu companheiro, vigiando a casa por causa daquele caso da outra noite e podia muito bem ser que o seu bombeiro fôsse um dos companheiros do "tipo".

MADELEINE - E por que o senhor pensou isso ?

O AGENTE - Por muitas coisas... Nada está ainda provado, mas a sua atitude faz desconfiar. Nós fomos prevenidos de que ele ia sair...imediatamente tomamos posição.... e vimos sair o bombeiro.

MADELEINE - Não vejo nenhuma relação.

O AGENTE - É que vendo-nos ele pretendeu voltar. Seguramo-lo e ele ~~x~~ levava um pequeno embrulho de roupa.

MADELEINE, perturbando-se - Mas essa roupa... não é minha.

O AGENTE - Não há dúvida. É roupa de homem. Com certeza pertence ao seu cúmplice... E depois, ele estava com outros indivíduos, que fugiram quando o viram seguro... Tudo isto parece exquisito... Perguntamos-lhe o que fazia e ele respondeu que viera trabalhar em sua casa... Então o brigadeiro mandou que subisse imediatamente para informar-me.

MADELEINE - A única coisa que lhe posso dizer é que ele veio aqui... que fui eu quem o mandou chamar... e que não tenho nenhuma queixa contra ele.

O AGENTE - Muito bem. Era tudo o que desejava saber.

MADELEINE - E agora, o que vão fazer d'ele ?

O AGENTE - O que vamos fazer? Detê-lo e fazer o possível para que ~~êx~~ ele fale.

MADELEINE - Mas não lhe farão nenhum mal ?....

O AGENTE - Não... Fique tranquila. Às suas ordens, minha senhora...

¶ O agente sai acompanhado por Benoit. Madeleine acompanha-o também até à porta, e quando tem certeza de que ele saiu, vai abrir a porta do quarto a Gérard. Este sai grandemente emocionado)

MADELEINE - Ouviu ?

GERARD - Ah! Se eu agarrasse o bandido... ou a bandida que nos denunciou!

(Gerard contem um grande furor)

MADELEINE - Não se exalte assim. Isso não adianta nada. Considere-se muito feliz em estar ainda aqui.

GERARD - Mas se nós fomos denunciados é que alguém sabe de minha presença em sua casa.

MADELEINE - Duas pessoas somente sabem: eu e Benoite. Não tem confiança em mim?

GERARD - Na senhora tenho, mas, em Benoite não confio muito.

MADELEINE - Ela seria incapaz de fazer qualquer coisa que me pudesse prejudicar.

GERARD - Quem então?

MADELEINE - Se o tivessem denunciado eles teriam subido para prendê-lo e não se teriam limitado a pedir informações sobre o bombeiro.

GERARD - Pobre Ducroux!

MADELEINE - Bem. Agora tratemos do senhor. O que pretende fazer?

GERARD - Isto depende da senhora.

MADELEINE - (com um sorriso) Então fique.

GERARD - Obrigada. Mas é preciso que se previna: a vigilância será aumentada e eu não sei quando poderei sair.

MADELEINE - Eu o guardarei o tempo que fôr preciso.

GERARD - A senhora é uma creatura adorável, mas, eu tenho vergonha de abusar da sua generosidade.

MADELEINE - Qual! Não sou tão admirável assim. Ducroux é casado?

GERARD - Não. Ele vive só.

MADELEINE - Tanto melhor.

(entra Benoite trazendo uma corbeille de flores e um pequeno embrulho)

BENOITE - Acabem de trazer isto para você. Ha um cartão e um pequeno embrulho.

MADELEINE - (depois de ler o cartão) Este Hulin é realmente um rapaz muito bem educado.

Ela abre sorrindo o pequeno embrulho e tira uma chave).

BENOITE - Que é isso ?

MADELEINE - Não estás vendo? A chave da porta de entrada.

BENOITE - A tinhas perdido ?

MADELEINE - meio sonhadora, meio sorridente - É. Perdido, como dizes.

(Durante êsse tempo, desde que Benoite entrou, viu-se Gérard que se achava em frente ao movel de onde havia tirado a fotografia de Madeleine, tirá-la do bolso e recolocá-la com precaução no respectivo quadro. Benoite vê ~~em~~ o fim do seu trabalho sem ~~em~~ compreender).

BENOITE a Gérard - Que é que o senhor está arranjando aí ?

GÉRARD - Nada.

BENOITE - Então venha desentupir a pia.

GÉRARD - Ah! É verdade. Tinha me esquecido. Já vou.

(Gérard Sai. Quando êle desapareceu, Madeleine vai verificar se êle de fato se afastou e volta a Benoite)

MADELEINE - Benoite, daqui por diante será preciso ser muito prudente. Depois do que se passou a polícia vai estabelecer uma vigilância severa. Precisamos prestar atenção. Desconfie de todos, porque com certeza serás espionada.

BENOITE - Eu ?

MADELEINE - Sim. Já é a segunda vez que eu estou metida neste negócio. A polícia deve estar impressionada. Eu vou pedir a Barnaud que arranje um meio de me deixarem em paz, mas em todo caso só devemos nos fiar em nós mesmos. Para começar, não porás mais uma carta no Correio sem m'a mostrares, e só entregarás a correspondência a mim pessoalmente.

BENOITE - Bem.

MADELEINE - E agora vou pedir-te uma coisa que te será mais difícil. Seja amável com o Sr. Gérard.

BENOITE - Sr. Gérard ?

MADELEINE - Sim. Tu o tratarás assim e com toda a gentileza. Eu desejo que êle se sinta aqui numa atmosfera de simpatia. Perde o hábito de trazer fechadas todas as gavetas como fazes desde que êle aqui está. Eu quero que êle tenha a impressão de estar sendo recebido e não suportado com desprezo.



BENOITE - Ah bem! Compreendo! Queres que o trate como homem honesto, não?

MADELEINE - Como um amigo, Benoite.

BENOITE - Mas então por que ha pouco querias fazer prender?

MADELEINE - Eu nunca quiz tal coisa.

BENOITE - É boa essa! Eu não sou nenhuma idiota. Pois não foste tu quem mandaste previnir a policia?

MADELEINE - Fui.

BENOITE - Pois então? Ha pouco o denunciavas e agora queres que o mime?

MADELEINE - É

BENOITE - Sabes de uma coisa? Não compreendo mais nada.

MADELEINE - No entanto, não ha nada mais facil, Benoite...

(Ela sorri para Benoite e vae para o quarto, com a expressão alegre. Benoite segue-a com o olhar, sorri por sua vez e afasta-se resmungando. Ela compreendeu.)

P A N O

A T O I I IMESMO CENÁRIO

Ao cair da tarde. Benoite acaba de botar à mesa dois lugares. Entra Gérard.

GERARD - Madame ainda não voltou ?

BENOITE - Há muito tempo.

GERARD - Então porque não me preveniu, como eu havia pedido?

BENOITE - Pensei que a houvesse visto entrar.

GERARD - Como queria que visse, se eu estava no meu quarto no outro extremo do apartamento? Onde está ela?

BENOITE - No quarto

(Gerard vae até a porta do quarto de Madeleine e bate.)

VOZ DE MADELEINE - Quem é?

GERARD - Sou eu

VOZ DE MADELEINE - Não entre. Boa tarde. Que quer?

GERARD - Estava à sua espera com impaciencia. Viu Faugaret?

VOZ DE MADELEINE - Ah! Era por isso?.....Vi. Ele foi ao tribunal e falou ao advogado de Ducroux. O seu amigo será posto em liberdade dentro de poucos dias.

GERARD - Oh! Obrigado....Pobre Ducroux....E a senhora vae bem?

VOZ DE MADELEINE - Um pouco tardia a lembrança, mas enfim....

GERARD - Eu estava tão ansioso por saber. Perdôe-me, e até já.

(Voltando a Benoite) Ouviu, Benoite ? O meu amigo Ducroux vai ser posto em liberdade!

BENOITE - O bombeiro? Tanto melhor para ela.

GERARD - Vamos festejar a bos noticia. Dê-me um Porto.

BENOITE - O ar é bastante grande para servir-se sosinho.

GERARD - O armário está aberto?

BENOITE - Não há mais nada fechado á chave. São ordens de Madame

- GERARD - Sua patrôa é uma criatura extraordinária, velha Benoite
- BENOITE - Ela não é minha patrôa. Se a sirvo é porque tenho prazer nisso. Eu podia muito bem, si quizesse viver tranquila em Ardèche com meu sobrinho.
- GERARD - Mas tenho certeza que não fará isso.
- BENOITE - Desde que ela nasceu que me ocupo dela. Não pederia mais deixar de fazê-lo. Quando ela era gerota eu lhe dava palmadas, agora é ela quem me ~~mece~~ <sup>acode</sup>.
- GERARD - O que lhe digo, Benoite, é que ela é maravilhosa. (durante esse tempo ele serviu-se de vinho do Porto) À propósito você pôs a minh carta no correio?
- BENOITE - Com certeza.
- GERARD - Com tôdas as <sup>preocupações?</sup> Nem nas caixas do bairro e nunca na mesma.
- BENOITE - Esteja tranquilo (Gerard vai para sair) Eh lá ! ... Não vá se fechar agora no quarto....o jantar está pronto.
- GERARD - Volto já, (sai)  
(Benoite fica um instante só. Entra Madeleine em elegante toilette de noite com uma carta na mão)
- MADELEINE - Onde está o Sr. Gerard?
- BENOITE - Foi agora mesmo para o quarto, mas volta já.
- MADELEINE - Que fez ele hoje?
- BENOITE - Fez funcionar o rádio e depois fechou-se no quarto.
- MADELEINE - Triste?
- BENOITE - Depois de tua chegada ele ficou mais alegre.
- MADELEINE - É verdade?
- BENOITE - Sim. Depois que lhe disseste que o bombeiro ia ser solto.
- MADELEINE - decencionada - Ah! Foi por isso?
- BENOITE - Ele deu-me uma carta para botar no correio. Ela está na tua secretária com as outras.
- MADELEINE - Eu a lerei daqui a pouco. Quando estivermos à mesa, traga a correspondência.
- BENOITE - Se houver....
- MADELEINE - Haverá pelo menos uma carta: está aqui.  
(Madeleine entrega a Benoite a carta que tinha na mão)

BENOITE - Que novidade é esta?

MADELEINE - Tu verás. Podes servir desde que esteja pronto.

BENOITE - Dois minutos.

(Benoite sai. Madeleine apanha um jornal e começa a ler.  
Gerard entra).

MADELEINE - Oh ! Como vai?

GERARD - Vai sair depois do jantar?

MADELEINE - Não. Porque pergunta?

GERARD - Por causa do seu vestido.

MADELEINE - Este é apenas um vestido de jantar.

GERARD - E foi para jantar comigo que se vestiu assim?

MADELEINE - Pois não.

GERARD - Lamento não ter o meu smoking.

MADELEINE - Está muito bem assim.

GERARD - Obrigado.

MADELEINE - E a mim? Acha-me bem?

GERARD - A senhora deve, sem dúvida, estar muito elegante.

MADELEINE - Porque: sem dúvida?

GERARD - Eu não sou muito versado no assunto. E depois, confesso,  
que este vestido me assusta um pouco....

MADELEINE - Desagrada-lhe?

GERARD - Intimida-me. Assim vestida, restabelece a distância que  
nos separa.

MADELEINE - Oh ! por favor, não vá a propósito do meu vestido falar-  
me em luta de classe. Proporcione-me uma noite melhor que  
a de ontem. Prometa não explicar-me a falência do capĩ-  
talismo.

GERARD - Eu contava falar-lhe da evolução do coletivismo sob o pon-  
to de vista estritamente técnico. Tinha até preparado al-  
guns gráficos.

MADELEINE - Não por favor. Prefiro mudar de vestido.

GERARD - A senhora ficaria bem atrapalhada se eu lhe pegasse na  
palavra.

MADELEINE - Confesso que sim. Mas não compreendo a sua timidez; eu faço toilette todas as noites para jantar. É uma questão de hábito.

GÉRARD - Eu, quando estou só, tiro sempre o ~~paletot~~ paletot para ~~o~~ comer, e muitas vezes arregaço as mangas da camisa. É também uma questão de hábito. Deixei-o, depois que me deu a honra de convidar-me à sua mesa.

MADELEINE - Obrigada pela lição. Amanhã jantarei com um vestido simples, um vestido que não insulte a miséria do povo...

(Entra Benoite trazendo a sôpa)

BENOITE - O jantar está servido.

MADELEINE, dirigindo-se para a mesa - Vamos. (Os dois sentam-se) Sôpa ?

GÉRARD - Aceito. Posso botar o pão dentro ?

MADELEINE - Para fazer papa ? Não faça barulho ~~xxxxxx~~ com a boca tomando-a.

GÉRARD, empurrando o prato - Então não quero.

MADELEINE - Oh! O que é isso ?

GÉRARD - Sériamente. São essas suas pequenas recomendações que me cortam o apetite.

MADELEINE - Sim, mas é que se eu o deixar fazer como quer, eu é que terei o meu cortado; de modo que...

GÉRARD - Por que, então, comermos juntos ? Será tão simples nos vermos entre as refeições.

MADELEINE - Muito mais simples é aprender a comer direito. De resto, já tem feito muitos progressos.

GÉRARD - Sim, é evidente. Mas quando eu voltar ao meu meio é que me farei notar como "poseur"... Benoite, os meus ovos quentes... Não, é melhor um omelete, que é mais fácil de comer sem chocar Madame.

MADELEINE - Para mim também....

BENOITE - Bem... (sai)

MADELEINE - Então, não se aborreceu muito hoje ?

GÉRARD - Li. E depois procurei um meio de sair daqui.

MADELEINE - E encontrou ?

GÉRARD - Em todo caso, tomei uma deliberação: vou deixar crescer a barba.

MADELEINE - Ah! Isso não!

GÉRARD - Por que ?

MADELEINE - Ficaria horrível. A barba não lhe assenta, absolutamente.

GÉRARD - Talvez. Mas o que não há dúvida é que me trocaria completamente a fisionomia.

MADELEINE - Lá isso não há dúvida.

GÉRARD - A senhora trataria de arranjar-me um chapeo côoco, um par de óculos e um outro terno... e talvez, quem sabe, uma Legião de Honra, que não ficaria nada mal e um belo dia eu passaria todo lampeiro diante dos cerberos que estão lá em baixo, sem que eles dessem fé.

MADELEINE - Tudo isso estaria muito bem, mas sem a barba.

GÉRARD - Mas, se a barba é a base de tudo...

MADELEINE - Mas eu tenho horror aos homens barbados.

GÉRARD - Permita que lhe diga que está fugindo à questão.

MADELEINE - Absolutamente. Não faço o menor empenho em ter um homem barbado dentro de casa.

GÉRARD - Mas quando eu estiver barbado, partirei...

MADELEINE - E quanto tempo levará isso ?

GÉRARD - Nêsse particular, entremos em pleno mistério. Receio que leve muito tempo, sobretudo que desejo uma barba longa (com gesto indica uma barba até à cintura).

MADELEINE - Não, não. Arranje outra coisa.

GERARD - Tudo quanto proponho, ~~xx~~ a senhora recusa.

MADELEINE - O melhor é esperar. É preciso cançar a paciência da polícia.

GÉRARD - E enquanto eia se cança, a minha barba cresce.

MADELEINE - Não. Nada de barba.

GÉRARD - Está bem. Mas confessa que êsses homens da polícia são uns obstinados. E afinal eu não sou uma presa tão importante para eles. Prendendo-me, eles não teriam nem mesmo as honras de uma primeira página. quando muito algumas linhas.

MADELEINE - Deixe lá que os jornais da extrema esquerda haviam de se ocupar. E depois, o processo seria acompanhado com o máximo interêsse.

GERARD - Isto seria uma questão de publicidade. Tudo dependeria do advogado.

MADELEINE - Quanto a isso, esteja tranquilo. Garanto-lhe que teria o melhor. Afinal, quanto mais penso no seu caso, mas fico persuadida de que a melhor solução ainda seria constituir-se prisioneiro - o gesto contaria a seu favor - e eu lhe garanto que os meus amigos o tirariam do embaraço.

GÉRARD - Por favor, não insista. Eu sou intratável e não penso absolutamente em entregar-me. Se o fizesse, teria vergonha de mim mesmo.

(Benoite volta)

BENOITE, entrando - A correspondência.

MADELEINE - recebendo uma carta, e depois de a ter lido) - Ainda bem que não sou eu só quem pensa assim.

GÉRARD - O que é que há ?

MADELEINE - Uma carta para o senhor. Veja o que diz o seu correspondente: "Nada a fazer por enquanto. A casa continua muito vigiada. A menor imprudência seria fatal".

GÉRARD - É Cordim. Com licença (depois de ter lido). Escrita a máquina e sem assinatura. Só pode ser d'ele. Cordim aconselha-me a esperar.

BENOITE - Eu não tinha a menor dúvida de que êle lhe daria êsse conselho.

GÉRARD - É verdade ?

BENOITE - Enfim, pelo que vejo, o senhor ainda não partiu

(Benoite sai)

GÉRARD, a Madeleine - É, mas se isso dura muito, a senhora não tardará a arrepender-se de me ter guardado.

MADELEINE - Não tenha receio. Ao contrário, diverte-me e apaixonadamente ajudá-lo a sustentar êste sítio. Sua chegada aqui transtornou-me a vida, mas a sua permanência começa a criar-me novos hábitos. Tenho agora uma preocupação, um

fim; salvá-lo. E uma esperança: torná-lo menos selvagem. Eu desejava tanto sabê-lo feliz!

GÉRARD - Mas, eu sou feliz. Tenho, é claro, os meus pequenos aborrecimentos, mas quem não tem os seus ?

MADELEINE - O senhor me disse outro dia que fôra montador na Citroen, pedreiro no Isère, jornalista em Saint Etienne... O senhor vale mais do que isso.

GÉRARD - Mas tudo isso é admirável.

MADELEINE - O senhor nunca amou ?

GÉRARD - Tenho amigos.

MADELEINE - Mas o amor ? Ele não exista na sua vida ?

GÉRARD - É evidente que com todas as minhas mudanças, não tenho muito tempo para pensar nisso.

MADELEINE - Por isso mesmo é que o lamento.

GÉRARD - Com meu gênero de vida, seria para lamentar, se algum dia...

MADELEINE - Pobre vida aquela em que o amor não é para desejar.

GÉRARD - Talvez... Uma mulher, creio, me amou. Eu tive que fugir dela.

MADELEINE - Essa mulher, quem era ?

GÉRARD - Uma italiana. Chamava-se Maria. Trabalhava numa fábrica de sêda. Durante a semana, viamo-nos raramente, mas aos domingos passeávamos juntos...

MADELEINE - Eu os imagino muito bem. Nêsse dias, o senhor vestia um terno novo com o qual não se sentia à vontade. Um lenço de seda bem dobrado deixava ver a ponta no bolso do paletot. Uma casquette nova, um cigarro no canto da boca, as mãos bem lavadas, mas rudes e pretas. E lá ia pelas ruas com sua italiana pelo braço, orgulhosa do seu homem... do seu homem que sonhava com a justiça e a emancipação... Não é assim ?

GÉRARD - Mais ou menos... Levava-a ao cinema, ou então íamos assistir a um match...

MADELEINE - Ela ia ver aquilo que lhe agradava...

(um tempo)

GÉRARD - Durante oito meses, vivi com ela uma vida simples, sem



maiores preocupações. Deve ser isso a felicidade...

MADELEINE - Uma felicidade de que nem tem saudades. Lhe havia dito quem era ?

GÉRARD - Sim. Ela sabia que num dia a deixaria sem prevenir e o aceitara como a fatalidade.

MADELEINE - Que homem extraordinário que é o senhor. Poltrão, mas decidido. Egoísta, mas com ternura. Revoltado, mas prudente. Feliz na insegurança e poz-se fora da sociedade para conservar a estima de si mesmo. Confesso que tudo isto é muito particular.

GÉRARD - O que lhe parece paradoxal, é, no entanto, de uma lógica implacável.

MADELEINE - Não há dúvida, o senhor é lógico, mas sempre até ao absurdo.

GÉRARD - Por favor, nada de moral. Depois do jantar, prefiro uma partida de cartas.

MADELEINE - Não. Hoje não.

GÉRARD - Como ? Então a senhora me ganha 47 francos e não me dá a "revanche" ?!

MADELEINE - Eu lhe ganhei 47 francos ?

GÉRARD - Sim senhora. Sob palavra, é claro. Mas eu tomei nota. E a propósito, é formidável a quantia que lhe devo. Se isso continuar assim, a minha permanência aqui vai custar-lhe uma fortuna. Eu penso com verdadeiro pavor no momento em que tiver de lhe pagar.

MADELEINE - Aí está a lembrança que o senhor guardará de mim: uma credora.

GÉRARD - Oh!

MADELEINE - Eu não me faço a menor ilusão. O senhor só pensará em mim nos dias de pagamento, para mandar-me pontualmente o dinheiro.

GÉRARD - Como me conhece mal. Eu guardarei pela senhora um infinito reconhecimento...

MADELEINE - Estou me incomodando muito com o seu reconhecimento. O que eu quero é que me pague até ao último vintém. Será essa a única maneira de, durante muito tempo, lembrar-se de mim...

(Entra Benoitte trazendo os legumes de Madeleine e um bife para Gerard)

BENOITE - Está aqui o seu bife.

GERARD - Muito bem. Excelente idéia... Vou comê-lo... (Uma campainha interrompe a frase) Não se pode estar tranquilo em sua casa! Que será?

BENOITE - Que fazer?

MADELEINE - O melhor é esperarmos (Novamente a campainha) Vá ver, mas eu não estou para ninguém.

GERARD, levantando-se - Em todo caso, o mais prático é que eu desapareça...

MADELEINE - É melhor.

(Gerard está à porta. Benoitte dirige-se para a antecâmara)

GERARD - Anda, Benoitte. Despacha depressa porque o meu bife está esfriando.

(Gérard sai. Benoitte também. Pequena pausa. Madeleine escuta)

A VOZ DE BENOITE - Já lhe disse que Madame não está.

A VOZ DE BARNAUD - Diga-lhe, em todo caso, que quero vê-la.

A VOZ DE BENOITE - Mas se ela não está...

A VOZ DE BARNAUD - Bem. Então deixe-me passar...

(Madeleine levanta-se atenta. A porta abre-se e Barnaud aparece. Traje sobretudo e smoking. Vendo Madeleine êle para à porta. Benoitte está atrás dêle)

BARNAUD, voltando-se para Benoitte - Eu não dizia que ela estava em casa... Você está ficando velha, Benoitte; está perdendo a memória...

BENOITE, sem saber o que dizer - Mas... eu pensei...

(Madeleine, depois de um momento de surpresa, encontrando o seu sangue frio)

MADELEINE - Eu havia dito a Benoitte que não estava para ninguém, mas não esperava a sua visita.

BARNAUD - Então fiz bem em entrar.

MADELEINE - Você tem alguma coisa importante a dizer-me?

BARNAUD, sem responder - Você está encantadora, Madeleine. Que elegância!

MADELEINE - Foi para me dizer isto que veio até cá?

BARNAUD, sem responder, adiantando-se - Mas continue o seu jantar...

Não quero perturbá-la.

MADELEINE - Sim... estava jantando porque vou sair.

BARNAUD - Então sairemos juntos... O meu carro está à sua disposição.

MADELEINE - Obrigada. Prefiro que me deixe só depois de dizer-me o motivo de sua visita.

BARNAUD - Jante primeiro. (Barnaud para a frente da mesa e vê dois lugares) Ah! Dois lugares!

MADELEINE, um pouco perturbada - É. Quando estou só, Benoite janta comigo.

BARNAUD - Muito bem... e que bom apetite tem ela... na sua idade é coisa rara...

(Desde sua entrada que a atitude de Barnaud é estranha. Madeleine intrigada olha-o sentar-se em uma poltrona)

MADELEINE - Benoite, podes tirar a mesa. Não tenho mais vontade. Acabarás de jantar na cozinha.

(Benoite começa a tirar a mesa)

BARNAUD - Realmente, ~~XXXXXXXXXX~~ estou desolado. Se eu fosse um cavalheiro me retiraria.

MADELEINE - Talvez prefira esperar que o mande embora. O melhor é que me vá embora.

BARNAUD - Aí está uma idéia.

MADELEINE - Mas afinal, Barnaud, você pretende se divertir à minha custa?

BARNAUD - Confesses que seria bem a minha vez.

MADELEINE - Mas, afinal, o que quer?

BARNAUD - Nada. Decidi que viria aqui. Tinha a certeza de encontrá-la. Sabia que Benoite me diria que você não estava. Mas a minha decisão estava tomada e aqui estou sem reclamar, sem gritar.

MADELEINE - Gritar com que direito ?

BARNAUD - Nenhum, reconheço. Mas também é preciso constatar que não alterei a voz, que não lhe reprovei nada.

MADELEINE, com certa doçura - Então, se não tem mais nada que dizer-me, vá-se embora, Barnaud.

BARNAUD - Não, Madeleine. Estou decidido a demorar ainda um pouco. ( A Benoite que ali ainda está) Deixe-nos, carnívora. Vá comer.

BENOITE, a Madeleine - Quer que chame o concierge.

MADELEINE - Não vale a pena. Traga-me o meu "Manteau". Vou sair.  
(Benoite sai e volta pouco depois. Durante a sua curta ausência, Madeleine não se ocupou de Bernaud e este ficou sentado, imperturbável. Madeleine põe o "manteaux" e dirige-se para a porta) Seu carro está em baixo?

BARNAUD - À sua inteira disposição. O chauffer está às suas ordens.

MADELEINE - Você não vai?

BARNAUD, depois de ter olhado longamente. - Não. Prefiro ficar.

MADELEINE - E espera ficar ainda muito tempo?

BARNAUD - Não sei ainda. Depende.

MADELEINE - Não ha dúvida. Vamos passar uma "soirée" encantadora.

BARNAUD - Interessante todo caso.

MADELEINE - Em sua companhia? Acho difícil.

Madeleine tirou o "manteaux"

BARNAUD - Vamos saber muitas coisas. Por exemplo, você sabia eu a faço seguir.

MADELEINE - Seguir-me?

BARNAUD - Sim. E foi você mesmo quem me deu a idéia. Outro dia quando me pediu para deixá-la em paz a propósito do incidente do bombeiro, tive imediatamente a idéia de mandar segui-la. A sua vida é ao mesmo tempo límpida e misteriosa. Na verdade você fica muito tempo em casa. Mas eu ainda não soube nada.

MADELEINE - Barnaud, você é um sujeito ignóbil.

BARNAUD, sem responder - Você esta tarde foi à casa de Faugaret. Cinco minutos depois de sua saída ~~xx~~ de lá, eu chegava. Queris descobrir na cara dele, se era ele

MADELEINE - O que? Ele?

BARNAUD - O seu amante.

MADELEINE - (numa gargalhada) De modo que você me manda seguir para descobrir se tenho um amante?

BARNAUD - Exatamente.

MADELEINE - Ora Barnaud, não seja ridículo. Que é que lhe adiantaria saber?

BARNAUD - Eu teria uma grande força sobre você. Neste momento sou impotente. Você é tão voluntariosa quanto eu, mas, há com certeza alguma coisa em sua vida que eu quero saber e saberei dentro em pouco.

MADELEINE - Realmente? Faça-me então o prazer de dizer-me logo quem é para que eu ao menos o conheça.

BARNAUD - Você representa mal o seu papel, Madeleine. ~~Você representa mal o seu papel, Madeleine.~~ ~~Você representa mal o seu papel, Madeleine.~~ Você está muito inquieta neste momento, apesar de querer aparentar tranquilidade.

MADELEINE - Mas inquieta por que? É o que eu queria que me dissesse. Você fala como um marido ciumento; eu poderia apresentar-lhe o meu amante se o quizesse.

BARNAUD - E por que não o faz?

MADELEINE - Porque não o tenho!

BARNAUD - Tudo me faz supor que sim, e, não há muito tempo.

MADELEINE - Esta é magnífica! Ora Barnaud!

BARNAUD - Você não acha, o que acabo de dizer, tão divertido assim?

MADELEINE - Garanto-lhe que acho. Mas você não pode compreender.

BARNAUD - Eu sou mais sabido do que você pensa, Madeleine. Tenho ar de não ver nada, mas muitas coisas eu observo. Dá licença que me utilize do seu telefone?

MADELEINE - Pois não. ~~Use~~ Aproveite bem, porque não terá mais ocasião de se servir dele.

(Barnaud disca um numero no automatico. Pequena espera)

BARNAUD - (ao telefone) Alo... O sr. Faugaret está em casa? Da parte do Sr. Barnaud (pequena espera) Faugaret? Barnaud... Eu queria perguntar-lhe se estaria livre para almoçar amanhã. Não? então fica para a proxima semana. Obrigado

X

Até breve. (desliga) Decididamente não é êle o seu amante.

MADELEINE - Êle era então muito visado pelas suas suspeitas? E o que lhe fez ~~êle~~ concluir pela negativa foi o fato de não estar livre amanhã para almoçar?

BARNAUD - Não. Foi estar agora em casa.

MADELEINE - Mas que relação?

BARNAUD - É que o seu amante está aqui!

MADELEINE - Que foi que você disse?

BARNAUD - (com muita naturalidade) Você faz mal por me tomar por um imbecil, Madeleine.

MADELEINE - Vá-se embora, Barnaud.

BARNAUD - Não tenho a menor intenção.

MADELEINE - Garanto que é melhor que se vá embora por sua própria vontade, antes que me veja obrigada a pedir a amigos que venham po-lo para fóra.

BARNAUD - Por que ir buscar socorro tão longe? Por que o homem que está aqui não experimenta me fazer sair?

MADELEINE - O que lhe faz pensar que ha um homem em minha casa?

BARNAUD - Ora Madeleine. Não sou nenhum imbecil. Você pensa que eu não vi os dois lugares á mesa; que não percebi quando Benoit com toda a discreção levou o cinzeiro para dentro; que acreditei naquela pilheria de Benoit jantando com você? A pressa que você manifestou de sair para afastar-me enquanto o outro escapava? Você não tencionava absolutamente sair, apesar do seu lindo vestido. Toda a sua elegância, toda a sua graça, estavam reservadas para o seu amante, que está aqui, e se esconde.

MADELEINE - Julgue o que quizer, mas vá-se embora. Repito-lhe que não tenho que lhe dar explicações.

BARNAUD - (imperturbavel, pediu um outro numero ao telefone) "Alô... O sr Hulin está... É só para saber se êle está... Obrigado..." (desliga) Não é tambem Hulin.

MADELEINE - Idiota! Pois fique sabendo que é êle e ha varios meses. Você se cré muito esperto e afinal não ~~percebe~~ se aper-

apercebeu de nada. Não viu os sinais que nós trocávamos, quando você me fazia a corte, com um ridículo que é. Cada vez que você vinha jantar aqui ele aí estava para rir-se das suas inevitáveis declarações públicas. E então - quando você partia cheio de desejo e de cólera, Hulin vinha às escondidas encontrar-me para passar a noite comigo.

BARNAUD - É mentira!

MADELEINE - Juro que é verdade.

BARNAUD - Se fosse você não o diria, porque sabe muito bem que eu o faria pagar caro.

MADELEINE - Se o digo é porque ele ~~não~~ não tem nada a temer do seu ódio. A fortuna dele não depende da sua indústria e os seus músculos são mais moços e mais treinados que os seus. Você é um velho Barnaud. Para ser canalha como você é, é preciso ser forte. Atenção Barnaud!

BARNAUD - Eu não tenho medo de Hulin.

MADELEINE - Meu amante!

BARNAUD - Não é verdade. Não o creio. Você está fazendo uma tentativa suprema para desviar a minha cólera. Mas é falso.

MADELEINE - Imbecil! Imbecil!

BARNAUD - Tem tanto medo assim por aquele que está aí? (Berrando como um possessô) Quem é o covarde que está aí? Que apareça. (Pequeno silencio) Covarde! Covarde!

MADELEINE - Cale-se Barnaud! Cale-se! Você vai revolucionar toda a casa.

BARNAUD - Que me importa... (Continuando a gritar) Covarde! Onde te escondes miserável? Atraz da porta? Dentro de um armário? (A Madeleine) Belo amante o seu. Um covarde!

MADELEINE - Covarde é quem vem á casa de uma mulher só, para provocar escandalo.

BARNAUD - Só?

MADELEINE - Sim, só.

BARNAUD - (falando de proposito em voz alta) Ah! Então é o momento de aproveitar. Desejo-a ha muito tempo e a ocasião é oportuna.

MADELEINE - (Apavorada) Cale-se

BARNAUD - (mesmo jogo) Calar-me. Por que se ninguém nos ouve! Pode resistir, mas, embora velho, meus braços ainda são bastante sólidos para domina-la.

(Ele esforça-se para segura-la a força)

MADELEINE - Barnaud, suplico-lhe, deixe-me. Você não sabe o que está dizendo. Vá-se embora.

BARNAUD - Partir. Ah! Não. Garanto que não tira de mim esta noite.

(Ele segura-a nos braços, vae beija-la é força)

MADELEINE - Deixe-me... deixe-me... por favor...

(Neste momento aparece Gerard, ao fundo, a expressão fechada, os punhos cerrados)

GERARD - Deixe essa mulher imediatamente, senão quebro-lhe a cara.

(Barnaud que está de costas para Gerard, afasta Madeleine lentamente, sem voltar-se. Esta, vendo Gerard, exprime uma grande ansiedade. Ha um grande silencio. Barnaud afasta-se de Madeleine, olha-a com um sorriso amargo e trinfante nos labios.)

BARNAUD - Enfim!

MADELEINE - (A Gerard) Gerard, que foi fazer?

GERARD - Confesso que já estou arrependido, mas não pude resistir.

(Barnaud não se voltou olha para Madeleine)

BARNAUD - (A si mesmo, os dentes serrados) Quem poderá ser? (Volve-se lentamente e vê Gerard, a quem olha longamente) Quem é o senhor?

GERARD - (com frieza) O snr. não é bem fisionomista.

BARNAUD - Ah! É o falso policial! O homem a quem se procura!

GERARD - Exatamente.

BARNAUD - Madeleine, que faz este homem aqui?

MADELEINE - (muito emocionada) Que foi fazer, Gerard?... Não devia ter feito... Não devia...

BARNAUD - É ele então?

MADELEINE - (em voz baixa) Não... Não... tanto trabalho para tudo destruir de uma só vez.

BARNAUD - (possesso) Explique-se afinal.



MADELEINE - Ele estava perseguido, ia ser preso. Veio procurar refugio aqui... E desde então o escondo...

BARNAUD - Você o conhecia? (Madeleine faz sinal que não) Então por que? Por que?

MADELEINE - Ele confiou em mim e eu prometi salva-lo.

BARNAUD - Você sabe o que fez?

MADELEINE - Você teria feito a mesma coisa, em meu lugar.

BARNAUD - Nunca! Gente dessa especie é minha inimiga. Nada pode esperar da minha piedade.

GERARD - Eu nunca lhe pedi nada.

BARNAUD - Aconselho-o a que se cale.

GERARD - E eu ordeno-lhe que fale mais baixo.

BARNAUD - Realmente? Pensa que tenho medo?

(Barnaud avança para Gerard. Este espera-o com calma)

GERARD - Não se aproxime, do contrario leva uma...

MADELEINE - Gerard, calma, por favor.

GERARD - É a ele que deve dizer isso.

MADELEINE - Barnaud!

(Os dois homens estão face a face. Eles olham-se com os punhos cerrados. Barnaud sem recuar interpela Madeleine)

BARNAUD - Mas, admitindo que você o tenha escondido por piedade, por que o conservou aqui?

MADELEINE - Porque havia dado a minha palavra que o salvaria.

BARNAUD - Com individuos como este não se tem palavra. Você o guardou por outra razão. Confesse, confesse.

MADELEINE - Confessar o que?

BARNAUD - Realmente ha porque ~~xxxxx~~ excitar a imaginação. O amor de um homem honesto é coisa banal, ser porem cúmplice de um individuo tarado que a policia procura tem um certo sabor de aventura. E eu que a fazia seguir para conhecer quem me barrava o caminho, eu que suspeitava os seus intimos, pessoas honestas e bem educadas! Um crapula, um c crapula dessa especie...

MADELEINE - O ódio o torna estúpido, Barnaud. Você já não sabe o que

Você já não sabe o que diz...

GERARD - Deixe-o falar, deixe-o. Ele não chegará a me ofender.

BARNAUD - Enquanto eu trabalho como um bruto, dezoito horas por dia sem conseguir expulsar do meu cérebro a sua imagem, enquanto me domino para não telefonar-lhe<sup>o</sup> à todas as horas do dia e da noite, enquanto rondo todos os lugares onde seja possível encontra-la. Ele, durante todo esse tempo, goza de sua intimidade. Não é justo! Será possível que para agrada-la seja preciso ser desonesto?

GERARD - Vê como tenho razão de ser otimista. Apesar dos seus ~~mi-  
lhões~~phês, sou mais rico do que ele, Madeleine.

BARNAUD - E ele a chama de Madeleine!

MADELEINE - É a primeira vez. Mas estou contente que esta seja deante de você.

BARNAUD - Realmente? Pois bem, garanto-lhe que não terá muitas ocasiões de o fazer. Vou imediatamente telefonar a polícia que o virá buscar.

MADELEINE - Você não fará isso

(Barnaud dirige-se para o telefone. Madeleine precipita-se para ele)

MADELEINE - Barnaud, deixa esse telefone. Gerard, ajude-me; não quero que ele o denuncie.

(Gerard segura Barnaud)

GERARD - Pronto!

BARNAUD - Isso não adianta de nada. Eu irei ao comissário.

GERARD - Bom divertimento!

(Barnaud dirige-se para a porta)

MADELEINE - Você não sairá daqui sem jurar que não dirá nada.

BARNAUD - Conte com isso.

GERARD - Deixe-o ~~xxx~~ partir. A menos que o matem, não será possível evitar que ele fale. E se ele deve ficar aqui, prefiro mil vezes a prisão.

BARNAUD - Esteja socegado, acabará a noite lá.

GERARD - Duvido!

BARNAUD - Verá.

- GERARD - Já está visto. Não se viola o domicilio á noite. Só virão portanto buscar-me pela manhã, é hora legal. Passarei portanto a noite aqui.
- BARNAUD - Seja. mas garanto-lhe que não lhe farei a graça de um segundo. Sua última noite de amor será curta garanto-lhe.
- GERARD - O que?
- (Gerard que até então pilheriava, torna-se sério e avança indignado para Barnaud. Madeleine coloca-se entre os dois homens e impede Gerard de agredir Barnaud)
- MADELEINE - Pelo amor de Deus, Gerard, tenha calma. Ele não sabe o que diz.
- GERARD - (No auge da excitação) Retire imediatamente o que acaba de dizer e peça perdão a Madame.
- MADELEINE - Deixe-o. Pouco me importa o que ele pense.
- GERARD - É preciso que ele retire o que disse. Não a deixarei insultar.
- MADELEINE - Ele pode pensar o que quizer. Não me interesse. O que me interesse é a sua segurança. Peço-lhe Gerard, que não toque nesse homem.
- GERARD - Então, que ele parta imediatamente.
- MADELEINE - Não. Deixe-o ficar só comigo. Tenho necessidade de falar-lhe.
- GERARD - O que?
- MADELEINE-- Sim, Gerard. Se tem por mim algum reconhecimento, peço-lhe que vá para o seu quarto sem pedir-me qualquer explicação.
- GERARD - Faz realmente questão?
- MADELEINE - Peço-lhe encarecidamente.
- GERARD - Se é para pedir o seu silêncio, vae perder o seu tempo e eu terei perdido uma bela ocasião de dar-lhe o correctivo que elle merece. E depois, digo-lhe com toda a franqueza que não aceitaria de modo algum ser ajudada por um tipo dessa ordem.
- BARNAUD - Não tenha o menor receio sobre esse assunto.

MADELEINE - (com doçura) Deixe-nos Gerar.

GERARD - Está bem. Mas se precisar de mim, não hesite em chamar-me.

MADELEINE - Prometo!

GERARD - (da porta, antes de sair, a Barnaud) Aconselho-o a que respeite Madame, ouviu?

(Gerard sai. Barnaud fica algum tempo imóvel)

BARNAUD - Que tem a dizer-me?

MADELEINE - Eu sou sua cúmplice. Escondi-o voluntariamente. Vae tam bem denunciar-me?

BARNAUD - O seu caso será fácil de arranjar. Até já, Madeleine, com os gendarmes. (ê ele vae sair)

MADELEINE - Barnaud!

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ (Barnaud volta-se )

MADELEINE - Juro que ê ele não é meu amante.

BARNAUD - Tenho a certeza. Mas, é preciso que ê ele seja realmente um imbecil para não ter percebido que você o ama.

MADELEINE - Ê ele também me ama, Barnaud.

BARNAUD - Como sabe?

MADELEINE - Ê ele disse-me ha pouco deante de você. Ê ele sacrificou a liberdade para defender-me. Não conheço mais bela declaração de amor.

BARNAUD - E então?

MADELEINE - Se você o fôr denunciar, jura-lhe que esta noite serei sua amante.

BARNAUD - E se eu não o denunciar, promete que ~~XXXXXXXXXX~~ não se entregará a ê ele, não é? Obrigado. Não é bastante. Boa Noite. (Ê ele vae sair, dirige-se para a porta)

MADELEINE - Não Barnaud! (Ê ele para. Uma pausa) O que pede você pelo seu silêncio?

BARNAUD - (olhando-a demoradamente) Você que conheci tão orgulhosa! E dizer-se que é por um tipo cesses que se rebaixa!

MADELEINE - (sem responder) O que pede?

BARNAUD - (depois de refletir, aproximando-se dela com voz de comando) Eu me calarei e se fôr preciso organizarei ~~XX~~

a sua fuga - o mais rapidamente possível - a uma única condição.

MADELEINE - Qual?

BARNAUD - Você será minha mulher no mais breve prazo.

MADELEINE - O que?

BARNAUD - Compreendo o seu espanto. Você me propõe ser minha amante um dia para pagar a minha discreção, não é? Não quero essa esmola. Com esse sacrifício a sua consciência ficaria talvez tranquila. Mas eu seria sem dúvida um desgraçado... Não. É tudo ou nada.

MADELEINE - Mas é impossível!

BARNAUD - Se aceita, o homem está salvo. Se não dentro em pouco, ele sairá daqui algemado.. E não o soltarão tão cedo, posso garantir-lhe. Eu mesmo tratarei disso.

MADELEINE - Isso é uma chantagem ignobil.

BARNAUD - Que culpa tenho eu, se este é o único meio de possuí-la?

MADELEINE - Vá-se embora.

BARNAUD - Dou-lhe duas horas para refletir. Ao fim desse prazo telefonarei. Da sua resposta dependerá a sorte desse homem.

MADELEINE - Vá-se embora.

BARNAUD - Naturalmente, ficarei em baixo.

MADELEINE - Saia ~~logo~~<sup>rápido</sup>, policial.

BARNAUD - (saindo) Dentro de duas horas.

(Ele sai. Um silêncio. Ouve-se a porta se fechar.)

Madeleine fica prostrada, refletindo. Ouve-se a voz de Gerard de fora, perguntando:)

A VOZ DE GERARD - Ele já foi?

(Uma pausa. Gerard entra)

GERARD - Por que não respondeu? Ele já foi?

MADELEINE - (tristemente) Já. Meu pobre Gerard, tudo isso é culpa minha.

GERARD - Absolutamente. Se eu não houvesse intervindo, nada disso teria acontecido. Somente se eu não houvesse aparecido do aquele tipo.....

- MADELEINE - Teria sido melhor!
- GERARD - Oh! Não diga isso. Imagine áqueles labios sôbre os seus.  
Oh! Que horror!
- MADELEINE - Você seria ainda um homem livre.
- GERARD - A esse preço? Não, nunca. De resto acabo de vêr o calen  
dario: o sol levanta-se ás 5 horas.. O Barnaud não me  
fará graça de um segundo, mas até lá, serei livre. E  
quem sabe se não tenho tempo de arranjar um meio de fu-  
gir?
- MADELEINE - Impossível, meu pobre Gerard. Seu primeiro trabalho foi  
avisar a policia.
- GERARD - E que tem isso? Eles ainda não me seguraram. Prender-me-  
ão talvez, mas eu não me entregarei. (Pequena pausa.)  
Faça o favor de me dar o meu revolver.
- MADELEINE - Para que? Que pretende fazer?
- GERARD - Achar um outro esconderijo ou passar a força. Vou ten-  
tar a minha última oportunidade. De qualquer modo, não  
devo ficar aqui. Imagine a cara que fará Barnaud se ao  
chegar amanhã não me encontra. Se a interrogarem, negue  
tudo. Quanto a mim se me pegarem, esteja tranquila, não  
direi nada. Eles nunca saberão que estive aqui.
- MADELEINE - Pouco me importa de ficar comprometida, o que não quero  
é que faça loucuras.
- GERARD - Estou perfeitamente calmo.
- MADELEINE - Então para que quer o revolver?
- GERARD - Para me defender deles.
- MADELEINE - Está louco? Eles o matarão!
- GERARD - Pensa então que vou esperar que eles venham ao meu encon-  
tro? Farei tudo para escapar. E aconteça o que acontecer,  
só posso agradecer-lhe. Graças a senhora conheci os mais  
belos dias de minha vida. Quinze dias maravilhosos. Nem  
todos podem dizer a mesma coisa.
- MADELEINE - Não me agradeça. Se soubesse.....

GERARD - O que?

MADELEINE - (com lagrimas) Perdão, Gerard, perdão. Tudo o que aconteceu é por culpa minha. Ha mais de uma semana que a casa não está mais vigiada, e o caminho estava livre, que poderia ter fugido. E eu não lhe disse nada.

GERARD - O que? O caminho estava livre e não me disse nada? Por que?

MADELEINE - Queria guarda-lo ainda. Todos os dias em me dizia: "Amanhã" e sempre adiava...

GERARD - (quasi alegre) Mas por que? Por que?

MADELEINE - E você por que veio ha pouco quando julgou que Barnaud ia tomar-me em seus braços?

GERARD - Madeleine!

MADELEINE - Meu amor!

(Ele a toma nos braços um grande beijo)

GERARD - Agora aconteça o que acontecer, sou o homem mais rico do mundo..... e, a este homem eles não prenderão.

MADELEINE - Cala-te, cala-te. (Eles olham-se) Desde quando me amas?

GERARD - Desde o primeiro dia em que te vi.

MADELEINE - Eu tambem.

GERARD - Querida!

( A pendula dá dez horas)

MADELEINE - Dez horas

GERARD - Temos sete horas para nós dois. Estas sete horas nunca ca as pagarei bastante caro.

MADELEINE - Mesmo ao preço de ~~minha~~ tua liberdade?

GERARD - Mesmo ao preço de minha vida.

MADELEINE := (grave) Meu amor! Eu te salvarei.

(Os dois ficam enlaçados. Os seus labios juntam-se ainda uma vez).

P A N O

GAIOLA DOURADA

A T O IV

Mesmo cenário. O pano abre quasi seguir. Estamos no dia imediato. Madeleine e Gerard, continuam uma conversação. Ela está encolhida nos braços dele, sobre o divã.

MADELEINE - Inglaterra?

GERARD - Dificêl de entrar. E depois eu não falo ima palavra de inglês.

MADELEINE - Razão bastante. Eliminada. Luxemburgo?

GERARD - Hum!.....

MADELEINE - Muito pequeno. Tens razão. Suíssa?

GERARD - Belas montanhas, belas paisagens, belos legos. Mas, cada de países hostis a meu genero de beleza. Eu não poderia sair.

MADELEINE - Italia?

GERARD - De nenhum modo.

MADELEINE - É no entanto um belo país.

GERARD - Tu falas como turista. Eu o encaro de outro modo.

MADELEINE - Resta a Espanha.

GERARD - Belo país tambem.

MADELEINE - Nunca estive lá.

GERARD - A Espanha é um país magnifico, e que tem uma vantagem enorme sobre os outros: é que falo um pouco o espanhol. Irei a Espanha. A Espanha terá a vantagem inestimavel de me acolher. Lá é que irás encontrar-me. Por que não queres partir comigo?

MADELEINE - Não é possivel, meu emôr. Não posso deixar tudo assim tão rapidamente.

GERARD - Quanto tempo levaras?

MADELEINE - O menos possivel.

GERARD - Afinal... para te libertares de tudo o que te prende aqui, bastarão alguns dias... uma semana no maximo.



MADELEINE - Não sei.

GERARD - Dizes isso de uma maneira exquisita. Terás medo do futuro?

MADELEINE - Fica tranquilo. Sou corajosa.

GERARD - Crês que realmente eu parta hoje?

MADELEINE - Barnaud prometeu.

GERARD - Parte comigo, Voltarás dentro de alguns dias para arranjar as tuas coisas.

MADELEINE - Não insiste querido.

GERARD - Sabes como iríamos a Espanha se partisses comigo?

MADELEINE - Sei. A pé.

GERARD - Como adivinhaste?

MADELEINE - É que contigo é sempre preciso procurar o mais inverosímel.

GERARD - Mas, o que ha de inverosímel nisse?

MADELEINE - Isso te parece natural?

GERARD - Parece. É tão mais bonito.

MADELEINE - Meu amôr, tu queres me fazer ir a pé a Espanha?

GERARD - Não. Chegar apenas.

MADELEINE - Ah!

GERARD - Nós iríamos de trem até ao pé das montanhas. Depois, eu conheço o caminho, partiríamos de uma vila ao cair da tarde com um contrabandista que eu conheço. Subiriamos através de florestas e campos até um pequeno lago, onde chegaríamos á noite. Lá dormiríamos em uma cabana de pastor enrolados na mesma coberta, e ao amanhecer estaríamos de novo em marcha. Chegaríamos ao cume da montanha antes do sol nascer e começaríamos a descido: seria então a Espanha, á minha liberdade, a nossa felicidade aos olhos de todos. Uma excursão magnífica.

MADELEINE - Chamas a isso uma excursão?

GERARD - Sem o menor perigo. Se tu ficasses fatigada eu te carregaria ao colo.

MADELEINE - Amôr!

GERARD - O plano não te tenta?

MADELEINE - É impossível.

GERARD - Mas tu virás?

MADELEINE - Por que me fazes sempre esta pergunta? Não tens ainda certeza?

GERARD - Para fazer a verdade, não estou muito seguro.

MADELEINE - Eu desejaria saber se desejas sinceramente que eu vá ao teu encontro.

GERARD - Madeleine, se me dizes ~~XIXEXXX~~ isso seriamente, é que não me amas.

MADELEINE - Oh! Meu amor! Não podes imaginar até que ponto te amo. Talvez mesmo que não<sup>o</sup> saibas nunca.

GERARD - Por que dizes isso?

MADELEINE - (com olhar profundo) Por nada.

GERARD - Eu penso já na vida que levaremos lá. Tu verás como sei trabalhar. Eu tenho o endereço de um camarada que me ajudará no começo. Quando chegares, já terei encontrado trabalho. Escrever-te-ei logo para o endereço combinado para dizer-te onde te espero... Será, é claro, menos luxuoso do que aqui. Mas, para começar, poderás ir para um hotel. Contanto que não seja muito chic para que eu possa ir ver-te...

MADELEINE - Mas tu irás morar lá?

GERARD - Não. Desde o momento em que estiver livre, não aceitarei nada de ti.

MADELEINE - Serás prudente lá?

GERARD - Não temas nada. Uma vez terminado meu dia de trabalho, todos os meus minutos serão para a minha Madeleine. E os nossos domingos então... lá é que irás ver o que é um domingo. Eu te ensinarei. Meu sonho, sabes qual é? Mas esse não pode ser para já...

MADELEINE - Dize, dize...

GERARD - O meu sonho... é possuir uma casinha perto do mar, num canto maravilhoso que lá escolhi. É uma fazendola espanhola que está á venda há muito tempo, toda cercada de vinhas. O mar fica um pouco mais á baixo. Este canto de terra chama-se Juanizo, fica perto de Valência; a fazendola reconhece-se de longe por causa de uma torre redonda... Meu sonho... é vivermos os dois lá. Eu porei a

Eu porei a vinha em condições, cultivarei o jardim e crearei abelhas. Construirei um forno e venderemos potes de terra cota e o nosso mel para ajudar-nos a viver. Nossa vida seria simples e a nossa felicidade viria de nós mesmos. Nossa vida seria pura, ~~XXXXXXXXXXXX~~ tranquila e nós teríamos filhos inteligentes como tu..... Não seria lindo?.....

MADELEINE - Maravilhoso!

GERARD - Pois bem, é essa vida, garanto-te, que nós a viveremos. Com uma mulher como tu, tudo me é possível. O que é preciso é que eu saia daqui.

MADELEINE - Como tens pressa de partir.

GERARD - É que estou ansioso para chegar lá e esperar-te

MADELEINE - Amor  
(beijam-se)

GERARD - És uma mulher maravilhosa e eu começo a crer que devo ser alguma coisa muito boa para que tu me ames. Contigo, posso ir a toda a parte, até aos países mais afastados, pois levo sempre comigo as minhas fronteiras. Enquanto os meus olhos puderem ver-te, enquanto puder ouvir a tua voz, estarei no meu país. O estrangeiro começa com a tua ausência.

MADELEINE - (caçoando com ternura) És um poeta.

GERARD - Agora é a tua vez.

MADELEINE - De que?

GERARD - De fazer um pouco de literatura.

MADELEINE - Gerard, querido, és o homem que eu menos esperava na vida, a creatura mais afastada dos meus gostos e dos meus sonhos. Chegaste na minha vida com uma missão cuja a existência eu não suspeitava sequer. Antes de conhecer-te eu era feliz, com preocupações e alegrias que hoje considero banaes. Tu vieste para trazer-me a inquietude. Minha vida passada, parece-me hoje, vasia, sem atrativos, sem recordações. A vida que me ofereces faz-me medo e atrai-me. Desprezei-te sinceramente, não te julgo mais, amo-te. Eu tinha orgulho de mim, não ousa mais refletir, amo-te.

- GERARD - Bonito, mas um pouco melancolico. (Campainha da porta de entrada) Será êle?
- MADELEINE - Deve ser. Deixa que eu fale com êle. Depois te chamarei.
- GERARD - Não faço o menor empenho em ve-lo. Só se fôr obrigatorio... Diga-lhe que só lhe peço uma coisa: poder deixar esta casa. O resto é comigo.
- (Barnaud entra, introduzido por Benoite)
- BARNAUD - Bom dia Madeleine
- MADELEINE - Bom dia. Então?
- BARNAUD - Fiz o que era preciso (a Gerard) Arranje as suas coisas para partir.
- GERARD - (a Madeleine) É verdade? Chegou a hora?
- BARNAUD - Vae partir imediatamente. Dois agentes o esperam ao lado.
- MADELEINE - O que?
- BARNAUD - Eu prometi que êle seria livre. Não disse porem que não tomaria as minhas precauções.
- MADELEINE - Que vae fazer?
- BARNAUD - Os agentes o conduzirão a fronteira.
- GERARD - Belo golpe. (nota-se que êle domina uma curta decepção)
- BARNAUD - (a Gerard) Uma vez do outro lado, poderá fazer o que bem entender. Previno-lhe apenas que se puzer os pés em França, seña imediatamente preso.
- GERARD - Muito bem. Quando eu voltar, tomarei as minhas precauções.
- BARNAUD - Aconselho-o a não voltar e não tentar tornar a ver Mme. Courtois.
- GERARD - Quanto a isso, farei exatamente o que fôr do meu agrado. Não é Madeleine?
- MADELEINE - Coragem.
- BARNAUD - Para que país deseja ir? Tem a faculdade de escolher.
- GERARD - (depois de curto tempo) Para a Belgica.
- MADELEINE - Por que para a Belgica?
- GERARD - Deves imaginar que este senhor não vae querer me perder de vista imadiatamente. Lá me será mais facil semear os curiosos. Compreendes?

MADELEINE - Compreendo...

(Barnaud abriu a porta)

BARNAUD - Podem entrar. (Entram o brigadeiro Roulet e o inspetor Moine) Os senhores o reconhecem?

ROULET - É ele mesmo.

BARNAUD - Os senhores o acompanharão até a fronteira. belga.

ROULET - Podemos leva-lo?

GERARD - Imediatamente, brigadeiro. Até breve Madeleine.

MADELEINE - Já? Espera um pouco, ~~é um momento~~ meu amô. É tão brutal esta partida...

GERARD - Como a chegada, Madeleine.

MADELEINE - Leva ao menos as tuas roupas.

GERARD - Não. Quero partir daqui, como cheguei.

MADELEINE - Não tens dinheiro. Deixa que te dê algum.

GERARD - Nada...

MADELEINE - Por empréstimo apenas... tu me pagaras... mas não é possível partires assim sem vintem...

GERARD - Tal como cheguei, mas, tão mais rico, Madeleine.

BARNAUD - Esses senhores lhe entregarão uma quantia.

GERARD - De sua parte? É realmente gentil. Aceito sem remorso e também sem o menor reconhecimento, é claro. Guardarei esse dinheiro como minha primeira economia para comprar uma casinha... num canto de terra... onde estarei muito breve... Até breve Madeleine, não fique triste... é... como se eu fosse comprar um maço de cigarros.

MADELEINE - É sempre muito mais ~~facil~~ facil partir.

GERARD - Eu vou fazer com esses senhores uma simples viagem de formalidade. Tu me verás se quizeres,, Madeleine.

BARNAUD - Levem-no

GERARD - Um minuto. (Ele toma Madeleine nos braços e beija-a) Pensarei sempre em ti.

MADELEINE - Não te esquecerei nunca.

O BRIGADEIRO- Vamos rapaz...

(Gerard vai seguir o Brigadeiro, Barnaud fa-lo parar á passagem)

BARNAUD - Fica bem entendido, não? Um passo em França, um unico passo e dou-lhe a minha palavra de que não escapará.

GERARD - Olhe, meu caro, apesar de tos ds seus milhões e de to do o seu poder ha uma coisa contra a qual não poderá lutar e que faz a minha força: é que não lhe ligo a mi nima.

(Um ultimo olhar para Madeleine. Um ultimo sinal e ele sae entre os dois agentes. Uma pausa. A porta exterior bate. Madeleine domina as lagrimas.)

BARNAUD - Eu não pensava que lhe fosse facil me fazer sofrer mais do que sofri esses dias em que o sabia a seu lado. Mas você acaba de me demonstrar que lhe é facil recuar os ~~xx~~ limites do meu sofrimento.

MADELEINE - Conte comigo. Farei o possivel.

BARNAUD - Sim. Mas agora, nos sofreremos juntos.

MADELEINE - Se isso lhe pode dar algum prazer... Você não me subme teu, Barnaud. Respeito apenas as condições de um contra to e nada mais.

BARNAUD - Eu sei.

MADELEINE - Você terá que lutar contra uma recordação intacta. Con tra uma esperança sempre nova.

BARNAUD - Você o esquecerá tão depressa, quanto pansou ama-lo. Quanto a mim é uma aventura que risco da minha memo ria. Nunca mais lhe falarei nela.

MADELEINE - E ele?

BARNAUD - Ele a esquecerá mais depressa ainda. Seu amôr verdadei ronão é você: são as suas ideias absurdas, sua luta ~~in~~ inutil em que cada fuga é considerada uma vitória...

MADELEINE - (depois de pequena pausa) Para quando é o casamento?

BARNAUD - O mais breve possivel. Logo depois partiremos. Que diz você de um cruzeiro. Meu Yatch está no porto de Cannes a equipagem espera apenas as suas ordens, para ~~partirmos~~ partirmos.

MADELEINE - Para onde?

BARNAUD - Para onde você quizer. Você será o capitão. Se a soli-

Se a solidão comigo lhe faz medo, convide seus amigos.

MADELEINE - Esta bem. Eu verei...

BARNAUD - Onde quer ir? A Grecia? Ao Egito? Mais longe ainda?

MADELEINE - Não... eu queria... costear a Espanha...

BARNAUD - É facil.

MADELEINE - Ha lá um canto que eu gostaria de tornar a ver...

BARNAUD - Você já foi lá?

MADELEINE - É como se ~~lixer~~ houvesse ido... Creio que o reconheceria...

BARNAUD - Qual é?

MADELEINE - Oh! É um lugarsinho muito pequenino... talvez até nem figure no mapa, mas a gente vê do mar... chama-se... como é mesmo? Ah! Sim... chama-se Juanizo... fica perto de Valência.... Ha lá uma casinha no meio de umas vinhas... com uma pequena torre redonda que se vê do mar  
.....

P A N O

P I M